UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

FRANCISCO EDVANDER PIRES SANTOS

A CLASSIFICAÇÃO FACETADA DE RANGANATHAN APLICADA AOS ARQUIVOS DE TV

FORTALEZA-CE
2011

FRANCISCO EDVANDER PIRES SANTOS

A CLASSIFICAÇÃO FACETADA DE RANGANATHAN APLICADA AOS ARQUIVOS DE TV

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC) como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.ª Dra. Virgínia Bentes Pinto

FORTALEZA-CE
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

S235c Santos, Francisco Edvander Pires.
A classificação facetada de Ranganathan aplicada aos arquivos de tv/ Francisco Edvander Pires Santos. – 2011.
77 f. : il.; 30 cm.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências da Informação, Curso de Biblioteconomia, Fortaleza, 2011.
Orientação: Profa. Dra. Virgínia Bentes Pinto.

1. Classificação de dois pontos. 2. Arquivos audiovisuais. 3. Ranganathan. I. Título.

CDD 025.3

Francisco Edvander Pires Santos

A CLASSIFICAÇÃO FACETADA DE RANGANATHAN APLICADA AOS ARQUIVOS DE TV

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC) como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.ª Dra. Virginia Bentes Pinto

Aprovada em: 05 / 12 / 2011 Nota: 10,0

BANCA EXAMINADORA

Prof.ª Dra. Virginia Bentes Pinto
Orientadora
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.ª Dra. Fátima Maria Alencar Araripe
Membro da Banca
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.ª Ma. Maria de Fátima Silva Fontenele
Membro da Banca
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Me. Marcio de Assumpção Pereira da Silva
Suplente
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedicada à minha querida vozinha, Dona Chiquinha,
in memoriam.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por TUDO! Aos meus pais, a quem devo tudo o que tenho e sou, e aos familiares que torceram por mim: todas as minhas tias e primos queridos.

Agradecimento MUITO especial aos meus três amores: Denis, Naiana e Dam, mais do que primos, companheiros de vida. Também ao casal que me incentivou MUITO nessa caminhada: Eliane e David. Agradeço pela grande força, pela paciência e por TUDO, admiro vocês DEMAIS!

À minha querida professora e orientadora, Virgínia Bentes, por quem tive, tenho e sempre terei profundo respeito e admiração. À Prof.ª Fátima Fontenele, por ter aceitado o convite para compor minha banca, e ao Prof. Marcio de Assumpção, pela disposição em estar como suplente.

À Prof.ª Fátima Araripe, em especial, que me deu a primeira oportunidade dentro da UFC, iniciando os trabalhos no Clube da Leitura, e também aceitou gentilmente fazer parte da minha banca. Também agradeço a TODOS os companheiros que me ajudaram na realização do Clube da Leitura, bons tempos de reuniões na "sala azul".

Às minhas supervisoras de estágio: Prof.ª Ivone, Maria Teresa e Kelly. Muito obrigado por TUDO! Também aos colegas e profissionais envolvidos nos trabalhos dos arquivos de TV que visitei e que não hesitaram em me receber.

A todas as professoras que tive na Casa de Cultura, em especial a Prof.ª Jocely.

À minha querida professora de Redação na época de cursinho, Danielle, pois não tenho (nem terei) como esquecer o que (re)aprendi em suas aulas. Aproveito e agradeço também aos professores João Paulo (História) e Ortiz (Literatura).

Aos professores (as) Claudiana, Genivan, Diana, Marcos Paulo, Noélia, Eliane, Antônia, Pablo, dentre muitos outros, e também às amizades que ficaram das épocas de Ensino Fundamental e Médio. Saudades...

Aos amigos distantes que REALMENTE torceram por mim.

A TODOS os meus queridos amigos (as) de faculdade, que me aguentaram durante esses quatro anos de convivência, em especial Dejane, Roxanne, Ceiça, Denise, Fernanda, Socorro, Josinélia, Romero, Rodrigo e Daniel. Muito obrigado mesmo pela paciência, pelas boas conversas, pelos jogos, pelas viagens e pelos BONS momentos que vivemos juntos.

Por fim, a todas as dificuldades que enfrentei e às pessoas "pobres de espírito" que passaram pelo meu caminho, pois só me deram ainda mais força para vencer e para que a minha vitória fosse vista...

Todo o conhecimento humano começou com intuições,
passou daí aos conceitos e terminou com ideias...

Immanuel Kant

RESUMO

Traz uma abordagem acerca da classificação facetada de Ranganathan tendo como base os seguintes questionamentos: quais as características desse sistema de classificação? Quais as contribuições da teoria de Ranganathan para a Biblioteconomia? De que maneira aplicar a classificação facetada de Ranganathan aos arquivos de TV? Traz uma breve biografia de Ranganathan, bem como expõe as suas principais obras publicadas na área da Biblioteconomia e Documentação. Há uma sucinta explanação acerca das principais definições, características e estrutura da *Colon Classification*, sistema de classificação desenvolvido por Ranganathan. Foi adotado o método estruturalista como método de pesquisa, com a exposição de seus principais conceitos e a sua aplicação na análise facetada voltada para arquivos de TV. Como fundamentação teórica, foram utilizadas as pesquisas bibliográfica, documental, exploratória e aplicada, com destaque para a observação participante na composição prática do estudo. Apresenta, como resultado da aplicação da pesquisa, a atuação do bibliotecário nos arquivos de TV visitados e as características principais da linguagem e dos usuários desses arquivos. Na proposta de classificação facetada, o método estruturalista foi utilizado como subsídio para a construção dos esquemas facetados e das tabelas de classificação que compõem os resultados da pesquisa. Divide as tabelas de classificação em classes principais e tabelas auxiliares, com base nas categorias fundamentais propostas por Ranganathan. Discute, por fim, a contribuição deste estudo para as áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, bem como os êxitos e as dificuldades encontradas no desenvolvimento da pesquisa.

Palavras-chave: Classificação facetada. Ranganathan. Bibliotecário. Método estruturalista. Análise facetada. Arquivo midiático. TV. Suporte de arquivamento.

ABSTRACT

This study focuses on Ranganathan's faceted classification based on the following questions: which are the characteristics of the faceted classification? Which are the contributions of Ranganathan's theory to Library Science? How can the faceted classification be applied to organize TV archives? The study also brings a short biography of Ranganathan, as well as his main publications in Library Science and Documentation. A short explanation about the main definitions, characteristics and structure of the Colon Classification, which is a system of classification developed by Ranganathan, is also presented. The Structuralism was adopted as a research method and it was applied to draw our faceted analysis for TV archives. Bibliographies, documentary research and participating observation were used in the practice of this study, as well as exploratory and applied research. The study of librarians who work in TV archives, as well as the main characteristics of the language and the users of TV archives, will be shown as result of this research. The Structuralism was used in the construction of our faceted outline and in the table of classification which also compose the result of this research. It divides the table of classification in main classes and auxiliary table based on the fundamental categories which were proposed by Ranganathan. Finally, it also discusses its contributions for Library Science and Science of Information, and talks about the success and difficulties which were found during the development of this study.

Keywords: Faceted classification. Ranganathan. Librarian. Structutalism. Faceted analysis. TV archive.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Árvore Baniana..... 28

Figura 2 – Esquema hierárquico da classificação facetada de Ranganathan..... 32

Figura 3 – Esquema hierárquico de divisão em subclasses da classe canônica Esportivo..... 55

Figura 4 – Esquema hierárquico de divisão em subclasses da classe canônica Documentário..... 55

Figura 5 – Esquema hierárquico de classificação facetada da classe canônica Documentário..... 56

Figura 6 – Esquema hierárquico de classificação facetada da classe canônica Educativo..... 57

Figura 7 – Esquema hierárquico de classificação facetada da classe canônica Novela..... 58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Representação da classe Química na *Colon Classification*..... 34

Quadro 2 – Representação dos Isolados de Tempo na *Colon Classification*..... 35

Quadro 3 – Representação da classe Biblioteconomia na *Colon Classification*..... 36

Quadro 4 – Exemplos de assuntos classificados em Biblioteconomia..... 37

Quadro 5 – Categorias fundamentais e seus símbolos de ligação..... 37

Quadro 6 – Classes principais da *Colon Classification*..... 38

Quadro 7 – Classes A a C da *Colon Classification*..... 39

Quadro 8 – Classes D a J da *Colon Classification*..... 40

Quadro 9 – Classes J a O da *Colon Classification*..... 41

Quadro 10 – Classes P a W da *Colon Classification*..... 42

Quadro 11 – Classes X a Z da *Colon Classification*..... 43

Quadro 12 – Classes principais de A a E para arquivos de TV..... 61

Quadro 13 – Classes principais de F a M para arquivos de TV..... 62

Quadro 14 – Classes principais de M a T para arquivos de TV..... 63

Quadro 15 – Classes principais de U a Z para arquivos de TV..... 64

Quadro 16 – Tabela auxiliar de mídias..... 65

Quadro 17 – Tabela auxiliar de colaboradores..... 66

Quadro 18 – Tabela auxiliar de local..... 67

Quadro 19 – Tabela auxiliar de tempo..... 68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 11
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA..... 12
1.2 JUSTIFICATIVA..... 13
1.3 OBJETIVOS..... 14
1.3.1 Geral..... 14
1.3.2 Específicos..... 14

2 A TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO FACETADA DE RANGANATHAN..... 15
2.1 VIDA & OBRA DE RANGANATHAN..... 15
2.1.1 Primeiras Experiências..... 17
2.1.2 Colhendo os Frutos do Trabalho..... 21
2.1.3 Adaptação da *Colon* para a Documentação..... 24

2.2 ESTRUTURANDO A CLASSIFICAÇÃO FACETADA..... 27
2.2.1 Definições e Características..... 29
2.2.2 A *Colon Classification*..... 33

3 METODOLOGIA..... 44
3.1 O ESTRUTURALISMO COMO MÉTODO DE PESQUISA..... 44
3.2 O MÉTODO ESTRUTURALISTA APLICADO À ANÁLISE FACETADA..... 46
3.3 TIPOS DE PESQUISA ADOTADOS..... 48

4 APLICABILIDADE..... 50
4.1 RESULTADOS DA OBSERVAÇÃO..... 50
4.1.1 Atuação do Bibliotecário nos Arquivos de TV 50
4.1.2 Linguagem e Usuários dos Arquivos de TV..... 52

4.2 PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO FACETADA..... 53
4.2.1 Análise Facetada..... 54
4.2.2 Tabelas de Classificação..... 59

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 69

REFERÊNCIAS..... 73

1 INTRODUÇÃO

No novo ambiente de organização, gestão e, principalmente, representação da informação, entendemos que revisitar a teoria da classificação facetada de Ranganathan se faz importante não somente no sentido de nos aprofundar na base teórico-científica da Biblioteconomia, mas também com a finalidade de aplicar os princípios da teoria de Ranganathan à atual realidade de organização dos acervos documentais.

O desenvolvimento deste estudo só foi possível, dentre outros fatores, devido às publicações que abordam os conceitos de categoria e classificação. Nesse sentido, o pensamento do bibliotecário Shiyali Ranganathan será discutido com base em seus próprios registros, principalmente a *Colon Classification* (CC), mas também recorrendo a alguns de seus livros e principais artigos científicos, nos quais estão especificados os fatores que o levou a formular sua teoria, a maneira como se desenvolveu o sistema facetado, bem como as suas etapas e aplicações (RANGANATHAN, 1971).

Muitas publicações atuais, dentre livros e artigos científicos, também nos embasaram durante o andamento desta pesquisa. São pesquisadores que se dedicaram ao estudo da classificação facetada voltada para diversos ambientes e contextos informacionais, dentre eles, as adaptações realizadas visando classificar uma área específica do conhecimento ou, bem mais recentemente, a aplicabilidade na construção de bases de dados e WEB *sites*.

Apesar de a maioria das fontes de informação a que tivemos acesso datar de décadas passadas, traçamos, paralelamente à análise de seu conteúdo, conceitos e aplicações voltadas para os dias de hoje. É o que ocorre com a obra Teoria e Prática dos Sistemas de Classificação Bibliográfica (BARBOSA, 1969) e com o artigo científico Classificações Facetadas (BARBOSA, 1972), cujos conteúdos são vastos e riquíssimos no que tange ao tema classificação, porém, mesmo que essas publicações tenham sido produzidas e trabalhadas sob outro contexto, elas ainda nos permitem fazer interligações com os dias de hoje. Da mesma forma, outro amplo estudo acerca do tema classificação encontra-se em Introdução à Teoria da Classificação (PIEDADE, 1983), cuja abordagem detalhada nos deu subsídios para compreender o assunto e aceitar o desafio de desenvolver esta pesquisa. Foi essa literatura que nos possibilitou dissertar acerca da teoria da classificação facetada de Ranganathan.

Inicialmente, traremos uma abordagem sucinta acerca da vida e obra de Ranganathan. Compilando algumas de suas principais publicações, tendo em vista que não tivemos acesso a todas, discorreremos sobre as primeiras experiências de Ranganathan como bibliotecário, bem como as consequências de seu ingresso na carreira, com destaque para os “frutos” que colheu

devido às suas teorias e ideias consideradas inovadoras para a sua época. Uma das consequências de seu êxito profissional que abordaremos a seguir será o seu ingresso, e de suas publicações, na Documentação, a saber, a adaptação da *Colon Classification* para essa área. Aliado a isso, discutiremos as principais definições, características e de que maneira Ranganathan estruturou a *Colon Classification*.

No que tange à nossa metodologia de pesquisa, recorremos ao método estruturalista, visto que a sua base teórica vem diretamente ao encontro de nosso objeto de estudo: trabalhar com a estrutura da classificação facetada de Ranganathan. Caracterizaremos o estruturalismo como método de pesquisa, bem como a sua aplicação à análise facetada, expondo as suas definições e seus principais teóricos. Falaremos, também, sobre os tipos de pesquisa adotados aqui: pesquisas exploratória, bibliográfica, documental, aplicada e observação participante.

Com base nas publicações de Barbosa (1972), Piedade (1983), Lima (2004), Tristão; Fachin; Alarcon (2004) e Araújo (2006), dentre outras, abordaremos as etapas que compõem a classificação facetada de Ranganathan. Paralelamente, traremos a nossa proposta de classificação, voltada para a organização de arquivos de TV, com base em visitas realizadas e experiências adquiridas, visando aliar a teoria com a prática no sistema de classificação desenvolvido por Ranganathan.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Diante do universo teórico por meio do qual tivemos embasamento, formulamos as nossas questões de pesquisa visando a uma aplicabilidade apoiada na necessidade de organização de acervos compostos por documentos não-convencionais. Nesse sentido, voltamos a nossa proposta para a análise e aplicação da classificação facetada de Ranganathan na organização de arquivos de TV. Sendo assim, indagamos:

- ✓ Quais as características do sistema de classificação facetada de Ranganathan?
- ✓ Qual a contribuição e aplicabilidade, nos dias de hoje, da teoria de Ranganathan?
- ✓ De que maneira relacionar e adaptar o sistema facetado de Ranganathan à organização de arquivos de TV?

1.2 JUSTIFICATIVA

Nosso interesse em trabalhar com a classificação facetada de Ranganathan surgiu a partir da estruturação de um seminário apresentado na disciplina Representação Temática da Informação (Indexação), do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Foi aí que detectamos uma certa escassez de publicações atuais em língua portuguesa referentes ao assunto, bem como de aplicação desse sistema de classificação à área da Biblioteconomia em nosso país. Entretanto, observamos que a área da Informática faz amplo uso, na prática, da estrutura desse sistema de classificação, ainda que, por muitas vezes, seus profissionais não se deem conta disso. Devido a esses dois fatores, dentre outros, percebemos que havia diversas possibilidades de organização de um acervo por meio da classificação facetada, foi aí que surgiu o nosso interesse em desenvolver uma pesquisa acerca da temática, aliando a teoria de Ranganathan com a nossa proposta de classificação.

O interesse foi consumado a partir da seguinte afirmativa: "a tarefa de classificação é mapear o universo multidimensional dos assuntos ao longo de sua atividade" (RANGANATHAN, 1967, p. 395, citado por CAMPOS; GOMES, 2003, p. 159). Em outras palavras, o conhecimento, por ser dinâmico, torna-se passível de inclusões de novos assuntos, os quais passam a ser divididos em categorias, classes e subclasses. A partir disso, percebemos que classificar é uma técnica que requer uma dedicação mais que profissional, visto que se faz necessário que seja feita de uma forma prazerosa para que o resultado final do trabalho seja positivo, foi aí que começamos a cogitar a possibilidade de um futuro tema de pesquisa.

Por experiência própria, deparamo-nos com certas situações que nos inquietaram com relação à maneira de classificar os documentos audiovisuais, que também considero aqui como documentos não-convencionais. Tal fato foi confirmado quando estávamos na organização do acervo de determinada biblioteca e percebemos que a coleção de DVDs estava organizada de acordo com a Classificação Decimal Universal (CDU). Apesar de a CDU ser uma classificação detalhada e por facetas, inquietou-nos o fato de que os DVDs estavam dispostos numa ordenação que deixava falhas quanto à divisão por temas, principalmente devido à numeração de autor atribuída segundo a tabela de Cutter. A CDU dispunha alguns DVDs de temas diferentes unidos num mesmo espaço na prateleira devido à notação que representava o assunto. Por exemplo, os de samba ficavam próximos aos sertanejos, os de *rap* estavam juntos aos de forró, os de romance misturavam-se aos de ação, e assim por diante.

Nosso interesse partiu, também, da observação, ao longo da graduação, no que tange à organização documental e à recuperação do conteúdo informacional em diversas unidades, serviços e sistemas de informação, dentre eles, os arquivos de TV. Nesse sentido, a proposta de classificação facetada voltada para a formação, organização e gestão desses acervos advém não só da análise minuciosa feita nos arquivos de imagens das principais emissoras de TV locais, mas também de experiências que vivenciamos no ambiente de estágio, o que nos possibilitou um contato mais direto com essa realidade. Vale salientar que a ideia de relacionar a organização desses acervos com a teoria de classificação de Ranganathan surgiu quando percebemos que seria possível aplicar esta pesquisa a algo do cotidiano, além do desejo de trabalhar com a organização de documentos não-convencionais.

1.3 OBJETIVOS

Visando contribuir para com o crescimento da produção intelectual nos campos da Biblioteconomia e Ciência da Informação, traçamos como objetivos norteadores desta pesquisa:

1.3.1 Geral

- ✓ Estudar os princípios da classificação facetada de Ranganathan com vistas à aplicabilidade voltada para a organização de arquivos de TV.

1.3.2 Específicos

- ✓ Analisar as características e etapas do sistema de classificação facetada de Ranganathan;
- ✓ Estudar a biografia de Ranganathan de acordo com as suas próprias publicações e experiências como bibliotecário;
- ✓ Discorrer acerca da estrutura da *Colon Classification*;
- ✓ Elaborar uma classificação facetada para arquivos de TV tendo por base a proposta de Ranganathan;
- ✓ Contribuir para com o desenvolvimento de pesquisas na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

2 A TEORIA DA CLASSIFICAÇÃO FACETADA DE RANGANATHAN

Para entendermos a classificação facetada de Ranganathan, é preciso que conheçamos um pouco acerca de sua vida, de suas obras e de sua carreira como bibliotecário, para que, só assim, possamos nos aprofundar em sua teoria e na estrutura da *Colon Classification*. Abordaremos, então, a classificação facetada em consonância com os valiosos registros que encontramos sobre Ranganathan e sua teoria.

Esmiuçaremos o conteúdo por meio da análise detalhada de seus estudos registrados e compilados em publicações como a própria *Colon Classification* (1971), *Documentation and its Facets* (1963), *Subject Heading and Facet Analysis* (1964), *Fifty Years of Experience in the Development of Colon Classification* (1971), dentre outras. Também recorremos a publicações de grandes teóricos, nacionais e internacionais, que desenvolveram trabalhos acerca do tema, tais como, Barbosa (1969), Piedade (1983), Campos; Gomes (2003), Lima (2004), Gnoli (2008), Slavic (2008), dentre outros.

Em seu artigo intitulado *Fifty Years of Experience in the Development of Colon Classification* (1971), Ranganathan aborda todo o processo de desenvolvimento de sua teoria de classificação: de que forma surgiu, como se desenvolveu, quais foram as práticas realizadas com base na teoria, como se caracterizam as versões livres que surgiram baseadas em seu sistema, bem como o aprofundamento dessas versões para a Documentação, e a lista dos princípios normativos, ou seja, aqueles que regem a sua formulação teórica (RANGANATHAN, 1971). Discutiremos, a seguir, os detalhes acerca dessas temáticas, as quais serão abordadas com a finalidade de conhecermos não só a vida, mas também as obras de Ranganathan.

2.1 VIDA & OBRA DE RANGANATHAN

Visando discorrer acerca da biografia de Ranganathan, fizemos uma tradução livre e adaptada do artigo científico *Fifty Years of Experience in the Development of Colon Classification* (1971), no qual o próprio Ranganathan é quem relata algumas de suas experiências profissionais. Ressaltamos que será com base nessa tradução que narraremos tanto a história de vida de Ranganathan quanto as suas principais experiências adquiridas ao longo do tempo, as quais resultaram em seus trabalhos teóricos e práticos. Tendo em vista essas informações, é importante salientar que as traduções longas estão inseridas como

citações, e as paráfrases encontram-se diluídas no decorrer do texto. Destacamos, ainda, que, como uma forma de homenagem, além de relatarmos a vida de Ranganathan tal qual ele a descreveu, também listamos suas obras mais importantes, dentre livros e artigos publicados, cujos títulos se encontram em seu idioma original (inglês).

Grande teórico da Biblioteconomia, Shiyali Ramamrita Ranganathan, bibliotecário formado e atuante, desenvolveu, no início do século XX, a sua teoria de classificação, publicada sob o título de *Colon Classification* (Classificação de Dois Pontos), porém, mais conhecida como classificação facetada. Com o passar do tempo, seu método de classificar foi sendo gradativamente aperfeiçoado de acordo com as novas necessidades que surgiam devido ao avanço da produção do conhecimento e, consequentemente, documental (BARBOSA, 1969). Foi então que Ranganathan adaptou o seu sistema de classificação para a Documentação, o que lhe rendeu reconhecimento mundial e profunda admiração por parte não somente dos profissionais da área, mas também do próprio governo indiano, que lhe concedera incentivos e subsídios para a aplicação de suas pesquisas durante o processo de reorganização documental da Índia (RANGANATHAN, 1971).

A literatura consultada (RANGANATHAN, 1971) mostra que, em seu país, Ranganathan trabalhou oficialmente na biblioteca da Universidade de Madras e, logo em seguida, aperfeiçoou-se ao participar de várias palestras e conferências sobre classificação em diversos países, principalmente na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, em algumas apenas como ouvinte e em outras como preletor. Dessa forma, ele viu a sua carreira ascender gradativamente, passando a ser solicitado, também, para publicar diversos artigos a respeito de sua teoria, o que lhe rendeu ingressar na Federação Internacional de Documentação (FID), tornando-se vice-presidente por vários anos. Simultaneamente, exerceu a carreira de professor de Biblioteconomia na Universidade de Madras durante aproximadamente 40 anos, sendo admirado e respeitado pelos profissionais da área como aquele que revolucionou o processo de organização das bibliotecas.

Falecido em 1972, deixou para os estudiosos e profissionais da nossa área um legado teórico bastante extenso e passível de ser adaptado às novas realidades, além de ter elevado a Biblioteconomia ao patamar de ciência, sendo, por isso, considerado um dos pais fundadores do campo que se ramificara a partir dessa área: a Ciência da Informação (CI). Suas publicações estão voltadas, portanto, para atender à multidisciplinaridade da CI, no que tange, principalmente, às práticas de organização de bibliotecas e serviços de referência.

2.1.1 Primeiras Experiências

Nascido na Índia, mais especificamente na cidade de Madras, no dia 09 de agosto de 1892, Shiyali Ramamrita Ranganathan obteve como primeira formação o título de matemático, passando a lecionar em várias das universidades locais. Sua relação com a forma de organização dos livros adveio das dificuldades que encontrava ao selecionar as publicações que lhe interessavam nas áreas de Matemática e Física, isso entre os anos de 1917 e 1924, período em que lecionava nas universidades. Contudo, no dia 09 de janeiro de 1924, ocupou a vaga remanescente de bibliotecário na Universidade de Madras e, devido a isso, teve que se adaptar à rotina da biblioteca, mais especificamente ao sistema de busca por catálogo, que trazia nas fichas apenas os nomes dos autores em ordem alfabética. Nesse ínterim, ele constatou a real dificuldade de acesso aos livros por parte dos usuários, bem como presenciou o despreparo do pessoal envolvido nos trabalhos da biblioteca, até mesmo dele, pois, até então, nunca ouvira sequer falar em classificação bibliográfica.

Pediu, então, para ser substituído, partindo rumo à Londres decidido a estudar Biblioteconomia no *British Museum Library*. Porém, foi alertado pelo bibliotecário do local, Sr. Frederick Kenyon, de que o curso na instituição não dispunha de métodos modernos de ensino, sendo aconselhado a ingressar na *School of Librarianship in the University College*. Bastou apenas um telefonema para o Sr. Ernest Baker, professor de Inglês e diretor da *School of Librarianship*, para que Ranganathan pudesse ingressar de vez no Curso de Biblioteconomia. A partir de então, passou a maior parte de seu tempo contemplando a biblioteca, já que sua residência ficava próxima à Universidade, e conhecendo todas as atividades com mais afinco.

Na Universidade, ele ficou fascinado pelo ensino das disciplinas de classificação; no entanto, apenas uma o deixou insatisfeito: a *Decimal Classification* (DC), traduzida para o nosso idioma como Classificação Decimal de Dewey (CDD). Ranganathan expõe, de forma bem sutil e em muitas de suas publicações, a sua insatisfação para com a CDD. Ele afirma que todas as classes numéricas na CDD eram "congeladas" e não possibilitavam que um novo assunto composto fosse incorporado próximo à classe do assunto principal, ou seja, a CDD, por ser enumerativa e já possuir uma notação previamente estabelecida, criava uma barreira para incorporar assuntos ainda "desconhecidos", em fase de desenvolvimento e/ou de pesquisa. Sua crítica à teoria de Dewey o fez buscar novos horizontes para a classificação,

enxergando a multidisciplinaridade dos assuntos que compõem um sistema notacional. Segundo ele,

> [...] a CDD enumerava mais os assuntos compostos conhecidos e os representava por uma fração de números decimais. No entanto, ela não poderia prover uma coextensão das classes numéricas para todos os novos assuntos que iam surgindo no século XX. Aos livros incorporados nesses novos assuntos, tinha que ser forçadamente atribuída uma numeração muito distante, e isso era constantemente difícil de ser decidido [...] (RANGANATHAN, 1971, p. 3, tradução nossa).

Foi a partir daí que Ranganathan começou a refletir sobre qual seria a melhor maneira de ampliar o universo da classificação do conhecimento, afirmando, porém, que a CDD poderia ter suprido às necessidades da época em que fora desenvolvida, apenas para que bibliotecários e leitores aceitassem a classificação como um auxílio em suas buscas nas bibliotecas. Sua formulação teórica parte, então, da análise de que havia uma valorização exacerbada da teoria no método de classificação, esquecendo-se um pouco do lado prático dessa atividade.

Numa conversa informal na cantina da Universidade com um de seus professores de classificação, o Sr. W.C. Berwick Sayers, Ranganathan desenhou um esboço do que viria a ser o seu sistema de classificação. Juntamente com o Sr. Sayers, pensou em componentes que poderiam ser seu ponto de partida, foi quando determinou as facetas Tempo e Espaço como suas primeiras categorias fundamentais. Ambos os estudiosos se depararam com o problema de como seria determinado o termo mais geral dos assuntos, foi então que decidiram chamar essa faceta de Personalidade. Nesse esboço, também ficou determinado que

> [...] o sinal de : (dois pontos) seria usado como uma função de "encaixe" na representação numérica de um assunto composto, distinguindo-o da classe numérica de um assunto simples que fosse descoberto. Por isso, foi decidido que o sinal : representaria um papel importante na classe numérica do esquema [...] Resolveram, assim, denominar o esquema, então desenhado, pelo termo *Colon Classification* (Classificação de Dois Pontos) [...] (RANGANATHAN, 1971, p. 4, tradução nossa).

Ranganathan (1971) afirma ter sido assim que a base sustentadora do seu sistema de classificação começara a surgir. Ele formulara a sua teoria a partir da convivência com seu professor de classificação, porém, a sua primeira prática só viera mesmo a bordo de um navio, quando ele retorna a Madras em junho de 1925.

Durante a viagem, Ranganathan coloca em prática seu projeto piloto. O capitão do navio lhe concede autorização para que ele pudesse organizar e reorganizar os livros da forma que bem lhe aprouvesse, o que, segundo ele, mobilizou muitos passageiros a apreciá-lo e a

ajudá-lo. Em seu relato, Ranganathan considera uma aventura ter reorganizado um acervo de quase 20.000 exemplares seguindo o esboço de seu sistema de classificação, concluindo o trabalho antes de chegar a Madras. Contudo, ao regressar, Ranganathan se depara com um grande desafio: colocar em ordem a biblioteca da Universidade onde começara a sua carreira. Ele descreve, na maioria de suas publicações, toda a sua expectativa e a rotina de seu trabalho em Madras. De acordo com o seu próprio relato,

> [...] o trabalho extenuante de organizar e formar a biblioteca da Universidade de Madras, praticamente a partir do zero, deixou a teoria científica em segundo plano. Os 32 mil volumes da biblioteca tinham que ser classificados e recatalogados; ao mesmo tempo era preciso planejar e desenvolver a *Colon* e o Código para Catálogo Sistemático. Implantou-se o acesso livre às estantes. Não tinha ajuda no serviço de referência. A publicidade da biblioteca era feita em grande escala. Como consequência, o comparecimento diário saltou de uns vinte para duzentos. Os funcionários tinham que ser recrutados e treinados. Ao mesmo tempo, era preciso redigir um manual de administração de bibliotecas. As aquisições do ano pularam de mil para seis mil. O projeto do novo prédio exigia sua parcela de reflexão. A pressão de todas essas tarefas compulsórias empurrava os princípios normativos para camadas cada vez mais profundas da mente. Mas era uma pressão conveniente e proveitosa [...] (RANGANATHAN, 2009, p. 2).

Esse relato feito por Ranganathan retrata fielmente algumas das oportunidades e ameaças ao desenvolvimento de seu sistema, quando ele ainda precisava definir princípios normativos que regessem a sua teoria de classificação. Porém, a ausência de uma administração eficaz na biblioteca da Universidade de Madras, além da sua formação como bibliotecário, fez com que ele se destacasse ao colocar em prática as suas ideias. A grande sacada de Ranganathan foi aliar toda a rotina de trabalho da biblioteca com seu conhecimento prévio, formulando teorias que guiassem e dessem embasamento teórico não só para as suas publicações ou para o impulso em sua carreira, mas também para todo o trabalho da classe bibliotecária.

Entre os anos de 1925 e 1932, Ranganathan aperfeiçoara o seu sistema de classificação. Como já foi mencionado, durante esse período, ao retornar para a biblioteca da Universidade de Madras, milhares de novos livros e periódicos foram adquiridos pela biblioteca. Inicialmente, porém, ele ainda teve que se adequar à organização imposta pelo local, ainda organizando os títulos em ordem alfabética pelos nomes dos autores, mas, pouco a pouco, foi recrutando novas pessoas e formando novas equipes que o ajudaram a implantar gradativamente o seu sistema na organização do acervo. Ele convidou diversos especialistas das mais variadas áreas do conhecimento para lhe ajudarem nesse trabalho, dividindo as

equipes em grupos que se dedicavam à classificação, catalogação e o auxiliavam a definir os assuntos a serem incorporados nas tabelas de seu sistema.

Foi nesse contexto que Ranganathan formulou, em 1931, as Cinco Leis da Biblioteconomia, as quais passaram a nortear e a servir de referência para a práxis bibliotecária em diversas partes do mundo, estendendo-se até os dias de hoje e servindo de base para várias publicações na área. São elas: **Os livros são para usar**; **Para cada leitor o seu livro**; **Para cada livro o seu leitor**; **Poupe o tempo do leitor** e **A biblioteca é um organismo em crescimento**. Essas Leis refletem a realidade das bibliotecas da Índia com as quais Ranganathan se deparou, visto que foi com base em observações feitas em sua época que essas Leis foram formuladas. No entanto, é bem possível o aprofundamento nos estudos dessas Leis atualmente, bem como adaptar cada uma delas ao contexto das atuais bibliotecas, unidades e/ou serviços de informação.

Ao publicar as suas Cinco Leis, Ranganathan as relaciona e aplica à práxis bibliotecária com profunda maestria, abordando também a sua vasta experiência e discutindo questões que fazem parte da missão e dos objetivos de quaisquer bibliotecas, unidades e serviços de informação, como, por exemplo:

- ✓ Formação do profissional bibliotecário;
- ✓ Capacitação dos profissionais auxiliares;
- ✓ Planejamento e administração;
- ✓ Formação e desenvolvimento de acervos;
- ✓ Distinção dos setores que compõem a biblioteca;
- ✓ Tratamento, organização e gestão da informação;
- ✓ Acesso, empréstimo e estudo dos usuários;
- ✓ Prestação de serviços de referência;
- ✓ Avaliação do acervo e dos serviços prestados;
- ✓ Papel social do bibliotecário como mediador entre acervo e usuário;
- ✓ Utilização do ambiente da biblioteca como um espaço de incentivo à leitura;
- ✓ Democratização do acesso à informação;
- ✓ Fomento à pesquisa;
- ✓ Crescimento das bibliotecas.

Além disso, nosso teórico também traz à tona a discussão sobre métodos científicos voltados para a Biblioteconomia, bem como relaciona as suas Leis à Documentação, ao perfil do bibliotecário, aos ramos da Biblioteconomia, ao ensino e à pesquisa. Podemos afirmar, portanto, que Ranganathan foi um dos pioneiros a levantar questões em nossa área e a

escrever publicações voltadas para o papel social, gerencial e funcional do bibliotecário, o que constitui hoje os pilares dos currículos dos principais cursos de Biblioteconomia espalhados pelo mundo.

2.1.2 Colhendo os Frutos do Trabalho

Como consequência do exaustivo trabalho de observações, estudos e pesquisas, foi publicada a 1ª edição da *Colon Classification*, em 1933. Nessa edição, Ranganathan incorporou as tabelas desenvolvidas em parceria com a sua equipe de trabalho, assim como as Cinco Leis da Biblioteconomia.

Pesquisador nato que era, Ranganathan se dedicou a observar as reações dos usuários da biblioteca após a implantação de seu sistema. A realização de um estudo de usuários foi de fundamental importância para que ele avaliasse, corrigisse e aperfeiçoasse a *Colon*, colhendo sugestões dos próprios usuários da biblioteca. No entanto, o período da II Guerra Mundial o obrigou a migrar para a cidade de Banaras, fazendo, assim, uma pequena pausa em seus trabalhos com a *Colon Classification*. Apesar disso, ele se dedicou a escrever mais outras obras voltadas para as áreas de serviço de referência, bibliografia, práxis bibliotecária em colégios e universidades e prática de classificação e catalogação. Após a Guerra, retomou seus trabalhos no contexto de reorganização das bibliotecas da Índia, colocando novamente em prática o seu sistema de classificação.

Ranganathan afirma que entre os anos de 1925 e 1950 houve o surgimento de novos assuntos, o que ocasionou o aumento das publicações impressas. Ele teve de encarar essa dinâmica evolutiva do conhecimento e, consequentemente, o crescimento das publicações, fazendo com que a *Colon Classification* suprisse essa necessidade. Foi aí que ele percebeu que deveria enfocar ainda mais nos trabalhos de pesquisa, passando, então, a contar com a ajuda de seus alunos no desenvolvimento dessa atividade.

Como presidente da *Indian Library Association*, passou a organizar círculos de pesquisa em Biblioteconomia, iniciando a prática da pesquisa em nossa área. Era a partir desses encontros, realizados em sua casa, que havia a troca de ideias e o desenvolvimento das pesquisas, com suas teorias e publicações sendo aperfeiçoadas e complementadas pelos pensamentos de outros estudiosos. Pesquisar fez com que Ranganathan consolidasse ainda mais a sua teoria de classificação e, consequentemente, a sua carreira profissional. Foi assim que ele consolidou o que chamou de *Postulate of five fundamental categories* – Postulado das

cinco categorias fundamentais. De acordo com esse postulado, cada faceta isolada num assunto composto deve ser considerada uma manifestação de uma das categorias fundamentais: Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo (PMEST).

Assim, Ranganathan definiu, juntamente com a sua equipe, os símbolos de ligação que representariam cada uma dessas categorias fundamentais. É importante frisar que Ranganathan adotara o . (ponto) como sinal gráfico para representar a faceta Tempo. Porém, em 1959, houve a alteração para o sinal ‘ (apóstrofo), por sugestão de P. B. Roy, bibliotecário da *Commercial Intelligence and Statistics Library*, em Calcutta, que trabalhou com Ranganathan por um curto período de tempo, mas que também deu a sua contribuição para a melhoria da notação do sistema.

Ranganathan relata que os problemas e/ou deficiências encontrados em seu sistema eram constantemente revisados e corrigidos para a publicação posterior. Exemplo disso ele dá ao perceber algumas limitações na *Colon*, dentre elas, limitações devido ao sistema notacional, o que o levou a elaborar novos conceitos para o desenvolvimento da sua classificação. Nesse sentido, ele afirma que

> [...] o sistema notacional foi impondo uma limitação sobre praticamente todos os esquemas da *Colon*. Isso era uma grande deficiência. Eliminar essa deficiência foi investigada teoricamente entre os anos de 1952 e 1957. O resultado foi a separação do trabalho nos planos das ideias, verbal e notacional, respectivamente. Também foi decidido que o trabalho no plano das ideias seria primordial. Isso deveria ir ao encontro da constante expansão do universo do conhecimento [...] (RANGANATHAN, 1971, p. 17, tradução nossa).

O plano das ideias que Ranganathan cita se refere ao momento em que o classificador, ou teórico, depara-se com o problema a ser solucionado, ou seja, é investigar o que será classificado e de que maneira se dará a classificação. Segundo ele, são esses questionamentos que permitem a dinâmica da teoria da classificação, indo ao encontro da mudança constante no universo do conhecimento. Por outro lado, os planos verbal e notacional se referem à representação das ideias sobre o assunto a ser classificado, sendo a especificidade do sistema. Em suma, no plano das ideias é pensar o assunto geral enquanto que no notacional, principalmente, é representá-lo com os assuntos específicos, ou seja, as subdivisões do assunto principal.

E foi assim que Ranganathan começou a dar escopo à sua teoria, consolidando-se como um dos principais (e pioneiros) teóricos da Biblioteconomia. Prova disso foi o convite que recebera da Federação Internacional de Documentação (FID), em outubro de 1947, para publicar um de seus artigos sobre classificação e documentação internacional. No entanto, foi

num congresso realizado pela FID, em 1948, que Ranganathan pôde fazer uma exposição acerca da teoria da classificação facetada, divulgando seu trabalho entre a comunidade bibliotecária.

O reconhecimento veio em 1950, quando a FID cria seu Comitê sobre a Teoria Geral da Classificação (FID/CA) e o convida para ser um de seus representantes mais importantes, até o ano de 1961. Em 1962, a FID/CA se torna FID/CR (Comitê da FID sobre Pesquisa em Classificação), da qual Ranganathan torna-se presidente honorário. Essa relação com os principais órgãos representativos da classe bibliotecária fez com que Ranganathan visse uma oportunidade para a discussão teórica e para o incentivo à pesquisa em Biblioteconomia, principalmente devido às suas participações em congressos e conferências.

Seu destaque nessa época também veio com as publicações voltadas para os serviços de referência, assim como as Cinco Leis da Biblioteconomia. Em 1961, publicou *Reference Service*, no qual ele relaciona e aplica as suas Cinco Leis e aborda os conceitos, as observações e toda a estruturação de um serviço de referência, bem como descreve as suas experiências como estudante, professor e bibliotecário nesse serviço. Ele também discute a evolução e as funções da biblioteca, as dificuldades do usuário, a organização e o acesso ao acervo, a estrutura e conteúdo das bibliografias, dentre outras temáticas voltadas para a teoria e prática nos serviços de referência das bibliotecas.

O desenvolvimento destes e de outros trabalhos fez com que Ranganathan obtivesse o pleno reconhecimento em meio à comunidade bibliotecária. Ele foi o responsável por moldar um novo perfil para o profissional bibliotecário e por dar uma nova dinâmica ao fazer biblioteconômico, aliando sempre a teoria com a prática em seu ambiente de trabalho. Nesse sentido, tornar-se um membro importante de diversos órgãos nacionais e internacionais das áreas de Biblioteconomia e Documentação só o consolidou ainda mais no mercado, impulsionando a sua carreira de bibliotecário (e professor) a atingir um patamar nunca antes visto em sua época.

Uma das grandes oportunidades surgidas e aproveitadas por Ranganathan foi a adaptação da sua *Colon Classification* para a Documentação, tendo em vista o contexto do crescimento da produção documental na Índia, o que passou a demandar métodos e técnicas cada vez mais consistentes com a finalidade de proporcionar a análise, o tratamento e o acesso a esses documentos. No entanto, outros fatores também influenciaram nessa sua decisão de trabalhar com a Documentação, como se verá adiante.

2.1.3 Adaptação da *Colon* para a Documentação

Com a dinâmica da teoria da classificação, em grande parte desenvolvida e aplicada por Ranganathan, houve o início dos trabalhos de livre adaptação da *Colon Classification*. Nesse sentido, Ranganathan relata a influência da estrutura da *Colon* no desenvolvimento de algumas das classes de assuntos da CDU, principalmente no que se refere aos sinais de notação. Em seus estudos, Ranganathan também discorre acerca do porquê de seu sistema de classificação ter ficado conhecido como analítico-sintético, expondo as suas etapas para a classificação dos documentos ao determinar que

> [...] o assunto deveria ser analisado dentro das facetas no plano das ideias. Cada termo da faceta deveria ser substituído por seu número de faceta, assim como os números de faceta deveriam ser sintetizados no plano notacional. Em 1934, esse processo de sintetização dos assuntos levou H. E. Bliss a chamar a sua classificação de "esquema sintético". Porém, a expressão completa "esquema analítico-sintético" só foi sugerida em 1948 por A. J. Wells. Decidiram, então, também chamar a *Colon Classification* de "esquema facetado" [...] (RANGANATHAN, 1971, p. 23, tradução nossa).

De acordo com Ranganathan (1971), entre os anos de 1924 e 1949, vários novos assuntos foram descobertos e incorporados ao universo do conhecimento, desafiando a capacidade da *Colon Classification* em inseri-los de uma forma coerente. Daí a importância de se observar e "controlar" esses assuntos compostos de acordo com a sequência das facetas (PMEST). Além da adaptação livre da *Colon*, Ranganathan também passou a se dedicar à versão aprofundada de seu sistema, voltada para a Documentação.

Como consequência de um estudo de usuários realizado com especialistas em algumas indústrias dos EUA, em 1950, foram observados alguns fatores que precisavam ser revistos pela Biblioteconomia. Era a necessidade de manter a documentação organizada e disponível para uso. Nesse estudo, realizado por Ranganathan em parceria com a FID, foi detectado que "o profissional bibliotecário falhava no que se referia a disponibilizar os documentos aos seus usuários, pois não se sabia ao certo como tratar os **novos formatos e suportes documentais**" (RANGANATHAN, 1971, p. 26, tradução e grifo nosso). O estudo também apontou a necessidade de haver um sistema de classificação voltado para atender a essa nova demanda documental, o que levou Ranganathan a desenvolver uma versão aprofundada da *Colon* para a Documentação. Foi então que, em 1952, ele publicou dois novos volumes da *Colon Classification*: o volume 1, destinado à classificação bibliográfica, e o volume 2, voltado para

a classificação documental. Isso fez com que Ranganathan fosse um dos primeiros bibliotecários a contribuir diretamente para as teorias da Documentação.

Foi assim que Ranganathan interveio na Documentação, devido à crescente demanda documental não só na Índia, mas também nos EUA, Inglaterra e em outros países do mundo. Ele se sensibilizou com a necessidade de ajudar os especialistas em suas respectivas áreas de atuação, estreitando ainda mais os laços de amizade e credibilidade ao difundir o nome da Biblioteconomia.

O ano de 1962 se caracteriza por ter sido um período importante no desenvolvimento da dinâmica da teoria da classificação, e da própria *Colon Classification*. Foi criado, na cidade de Bangalore, o Centro de Treinamento e Pesquisa em Documentação (DRTC), organizado por Ranganathan em parceria com professores universitários e com o governo da Índia. Houve vários fatores sociais, políticos e econômicos envolvidos na implantação do DRTC, todos citados pelo próprio Ranganathan, dentre eles, o crescimento da documentação, o aproveitamento do potencial de pesquisa da Índia, a valorização do conhecimento no país, a expansão de novos formatos e suportes documentais, bem como o incentivo tecnológico e de pesquisa para a área da Documentação (RANGANATHAN, 1971).

Foi nesse contexto que Ranganathan passou a lidar com a organização de outros tipos de documentos, inserindo o trabalho do profissional bibliotecário além do ambiente de biblioteca. Consequentemente, ele passou a publicar obras voltadas para a organização de documentos em geral, aliando a prática no DRTC com a sua teoria, já que os trabalhos no DRTC eram realizados conforme o sistema notacional da *Colon Classification*. Ele atribuiu principalmente aos trabalhos do DRTC o enfoque da Biblioteconomia na Documentação, o que o levou a se dedicar a novas publicações.

Uma dessas publicações é a *Documentation and its Facets*, de 1963, que faz parte da *Ranganathan Series in Library Science* (Série Ranganathan em Biblioteconomia). Nessa obra, Ranganathan faz uma abordagem histórica e teórica sobre a Documentação. Ele também contextualiza a Documentação na Índia, aplica a teoria e os recursos da Biblioteconomia ao campo da Documentação e expõe os principais fatores que contribuíram para com o desenvolvimento dessa área em seu país. Outras questões discutidas nessa obra são as características dos documentos, a rotina de trabalho e os serviços de Documentação, dentre eles, tradução, padronização, pesquisa e reprodução de documentos.

Vale ressaltar, por fim, que Ranganathan sempre deu grande importância à constante revisão de seu sistema. Nessa avaliação, eram levados em consideração fatores como a

formação de novos "micro-assuntos", o aperfeiçoamento da teoria da classificação, os resultados mudados e melhorados a cada revisão, bem como as alterações para a versão aprofundada da *Colon* e, obviamente, as opiniões e sugestões de seus usuários.

Aos 80 anos de idade, no dia 27 de setembro de 1972, Shiyali Ranganathan morre devido a complicações decorrentes de bronquite. Sendo um dos pais fundadores da base teórica da Biblioteconomia, Ranganathan deixa um legado de publicações voltadas não só para a área biblioteconômica, mas também para a Matemática, Documentação e Ciência da Informação. Conforme a pesquisa feita por Sepúlveda (online), ele escreveu cerca de 50.000 livros, 1.000 artigos em Ciência da Informação (incluindo projetos de atos normativos) e aproximadamente outros 9.000 mil artigos sobre assuntos diversos, sendo aqui apresentados alguns títulos, em seu idioma original (inglês), daquelas obras consideradas como as mais importantes:

- ✓ The Five Laws of Library Science (1931)
- ✓ Colon Classification (1933)
- ✓ Classified Catalogue Code (1934)
- ✓ Philosophy to Library Classification
- ✓ Postulates and Normative Principles: Applications in Specialized Databases Design, Indexing and Retrieval, Compiled by S. Neelameghan
- ✓ Library Book Selection
- ✓ Prolegomena to Library Classification (1937)
- ✓ Theory of the Library Catalogue (1938)
- ✓ Elements of Library Classification (1945)
- ✓ Classification and International Documentation (1948)
- ✓ Headings and Canons (1955)
- ✓ Reference Service (1961)
- ✓ Documentation Genesis and Development
- ✓ Documentation and its facets (1963)
- ✓ Subject heading and facet analysis (1964)
- ✓ Hidden roots of classification (1966)
- ✓ Choice of scheme for classification (1968)
- ✓ Classification and Communication (1969)
- ✓ Fifty years of experience in the development of Colon Classification (1971-72)
- ✓ Library classification through a century (1971-72)
- ✓ New Education and School Library: experience of half a century (1973 – Obra póstuma)

2.2 ESTRUTURANDO A CLASSIFICAÇÃO FACETADA

A classificação facetada está voltada para a organização de acervos gerais e especializados, podendo, assim, ser aplicada em qualquer área do conhecimento. Consiste numa análise teórico-conceitual do conteúdo dos documentos, com base em seus variados assuntos de diversas áreas, sendo caracterizada, por isso, como um sistema analítico-sintético. Segundo Araújo (2006, p. 133),

> [...] os sistemas facetados podem ser construídos para atender a diferentes finalidades. A mais comum é dirigida para a sua utilização em bibliotecas e em outros sistemas de informação, com o objetivo de organizar os documentos e propiciar (novas) formas dinâmicas e diferenciadas de acesso a estes. Contudo, esse não é o único objetivo possível. Entre essas várias aplicações, destaca-se a utilização dos princípios de classificação facetada no mapeamento temático de campos científicos [...]

Nesse sentido, concordamos com Lima (2004, p. 58) que

> [...] a classificação facetada pode mostrar um mapeamento do conhecimento científico de uma determinada área, permitindo a descoberta de conexões e analogias entre diferentes campos do conhecimento e facilitando a recuperação da informação [...]

Essa recuperação da informação se dá devido às possibilidades que a classificação facetada permite no acesso ao conteúdo dos documentos, visto que ela não se limita a recuperar apenas por título, autor ou obra, mas também pelas características intrínsecas a cada documento, trabalhadas por Ranganathan sob diversos contextos e facetas. Podemos afirmar que esse é o grande diferencial da classificação proposta por Ranganathan, visto que são poucas as limitações presentes em um sistema facetado.

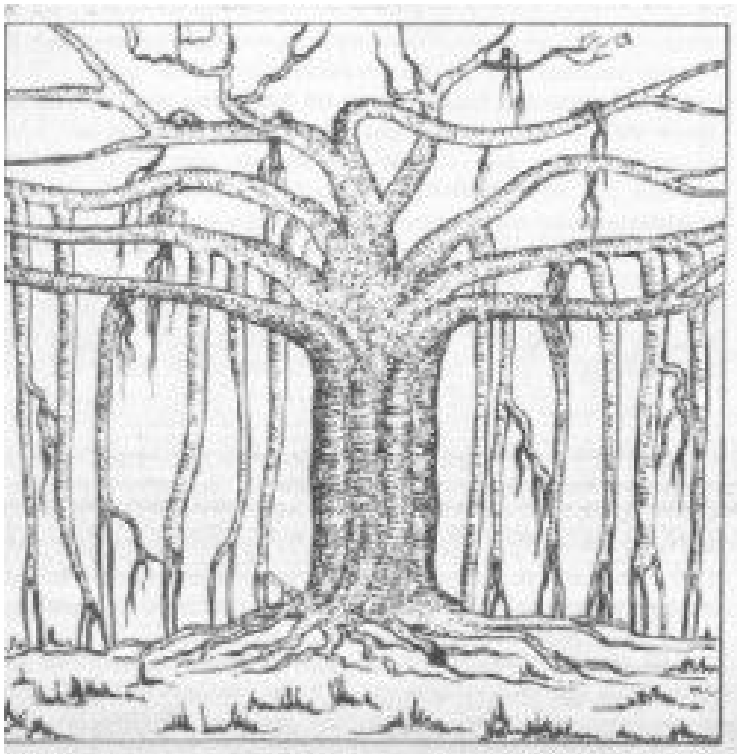
É de suma importância saber que Ranganathan aborda em seu sistema de classificação as definições de conhecimento, ideia, conceito, categorias, classes principais e canônicas, facetas e subfacetas, focos e isolados, dentre outras. Tais termos interferem diretamente no processo da análise facetada de determinado documento, além de estarem entrelaçados. Nesse sentido, Ranganathan considera a ideia como um produto do pensamento, que conduz à elaboração de uma informação e que, posteriormente, resultará em conhecimento. Ele expõe, em suas obras, que a junção desse conhecimento é que dará origem a um assunto, o qual poderá ser ramificado em diversos pontos e representado notacionalmente num sistema de classificação.

Ranganathan nos traz a base teórico-filosófica do desenvolvimento de seus trabalhos por meio de uma analogia do universo do conhecimento com a Árvore Baniana: ambos se ramificam em diferentes direções e sob variadas possibilidades, pois "os assuntos dos documentos não fazem parte de um domínio do conhecimento somente, muito pelo contrário, eles são complexos" (CAMPOS; GOMES, 2003, p. 158). De acordo com Ranganathan,

> [...] na verdadeira árvore de assuntos, um ramo é enxertado no outro em muitos pontos. Raminhos também se enxertam entre si de modo semelhante. Os ramos de um tronco se enxertam em outros de outro tronco. É difícil dizer a que tronco pertencem os ramos. Os troncos se enxertam entre si. Mesmo então, o quadro da árvore não está completo. É muito mais complexa do que todos estes [...] (RANGANATHAN, 1967, citado por CAMPOS; GOMES, 2003, p. 158).

Como forma de ilustração, apresentamos, logo abaixo (Figura 1), uma representação da Árvore Baniana, que nos dá uma noção acerca desse pensamento de Ranganathan:

Figura 1 – Árvore Baniana.



Fonte: (RANGANATHAN, 1967, citado por SILVA, 2011).

Em outras palavras, o universo do conhecimento se expande para todas as direções e para todas as áreas, que, por muitas vezes, acabam se interconectando de maneira que determinar a que classe de assunto pertence um determinado documento, baseado sempre na

análise de seu conteúdo, torna-se uma tarefa não muito fácil. Faz-se necessária, portanto, a adoção de um sistema padrão de classificação que leve em consideração essa "teia" de informações cruzadas e que atenda às características intrínsecas a cada assunto. Eis aí a concretização de hipertexto sem que Ranganathan enunciasse esse conceito.

Tendo em vista essa necessidade de cruzar termos de características distintas, e com a finalidade de trabalharmos com a classificação facetada de Ranganathan, é de suma importância que entendamos as suas principais definições e características, uma vez que essa é a base teórica para que possamos compreender todo o sistema na prática. São ideias e conceitos que precisam ser apreendidos visando à estruturação de nossa proposta de classificação, conforme se verá mais adiante.

2.2.1 Definições e Características

Diversos são os sistemas de classificação existentes, cada um com características próprias e dotados de especificidades que visam organizar e representar o conhecimento produzido pela sociedade. Dentre esses sistemas, temos a *Colon Classification* (Classificação de Dois Pontos), mais popularmente conhecida como classificação facetada de Ranganathan, cuja teoria se sustenta com base em suas cinco categorias fundamentais: Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo, universalmente conhecidas como PMEST.

Conforme os estudos de Ranganathan, é a partir dessas categorias que são formadas todas as classes dos assuntos para a classificação, determinando a ordem de citação no momento de classificar o documento. Nesse sentido, Aranalde (2009, p. 99) discorre acerca da definição de "categoria", voltado para a teoria de Ranganathan. Segundo ele,

> [...] por "categoria", a perspectiva ranganathiana compreende um conceito de alta generalidade e de larga aplicação que serve de estrutura a um esquema de classificação, pois sob este esquema se pode reunir outros conceitos. Devido a tais características, categorias fundamentais podem ser aplicáveis à grande parte do conhecimento existente [...]

É importante salientar que a atividade de classificação remonta a épocas em que era utilizada como uma forma de categorizar o ser, a sua personalidade e o seu modo de agir. Em seguida, passou-se a aplicá-la na organização sistemática do conhecimento produzido pelo homem, por meio do uso do pensamento no processo de categorização das "coisas". Sendo assim, constatamos que estabelecer categorias é o primeiro passo da classificação. De acordo com Aranalde (2009, p. 87),

> [...] as categorias são identificadas como conceitos elementares, isto é, como princípios que permitem identificar as notas essenciais que caracterizam um objeto do conhecimento. A partir desta operação mental de identificação, é possível formular conceitos empíricos, ou seja, buscar uma equivalência entre como o objeto se apresenta e a representação mental que se faz dele e de suas relações com outros objetos. As categorias são concebidas como metaconceitos que permitem a efetiva conceitualização de objetos passíveis de serem conhecidos, organizados e classificados. Portanto, elas são elementos intermediários entre os conceitos e a realidade cognoscível [...]

Diante disso, percebemos que a categorização é, por si só, um processo no qual a cognição do indivíduo buscará termos equivalentes que caracterizem a relação que se estabelece entre o físico e a sua representação, visando satisfazer à necessidade de se classificar aquilo que nos cerca. Sabendo que a atividade de classificação se desenvolve a partir do processo de categorização, é preciso que entendamos a ação de classificar como sendo uma divisão feita em grupos ou classes, segundo as diferenças e semelhanças existentes (PIEDADE, 1977, citada por ARAÚJO, 2006).

Outra definição para classificação é a de que ela pode ser abordada como um "conjunto de conceitos organizados sistematicamente de acordo com os critérios ou características escolhidas" (ISO TR 14177, 1994, citado por TRISTÃO *et. al*., 2004, p.161). Para Ranganathan, "classificar consiste em traduzir o nome dos assuntos dos documentos da linguagem natural para a linguagem artificial utilizada pelos sistemas de classificação bibliográfica" (PIEDADE, 1983, p. 17). Quanto ao conceito de "classes", Piedade (1983, p. 19) as define como sendo um "conjunto de coisas ou ideias que possuem um ou vários atributos, predicados ou qualidades em comum." Sendo assim, estabelece-se toda uma lógica para o sistema de classificação, a qual leva em consideração o agrupamento de entidades segundo as suas diferenças e/ou semelhanças.

Entretanto, uma das maiores dificuldades na compreensão da classificação facetada parte, na verdade, do significado de "faceta", visto que é a partir desse termo que a teoria da classificação de Ranganathan se desenvolve. Muitas são as definições que acabam por se misturar bastante com outros termos da área, sendo passíveis de confusão e de complexidade no momento da explanação do tema. Piedade (1983, p. 25) nos esclarece o significado de faceta e nos direciona no processo de construção de um esquema facetado. Segundo ela,

> [...] a palavra faceta é empregada indiretamente com o sentido de característica, porque a base do agrupamento em classes resulta da divisão por determinada qualidade ou característica e, muitas vezes, o nome desta qualidade é usado para designar a faceta [...]

De acordo com Barbosa (1972, p. 75),

> [...] podemos definir faceta como uma lista de termos mantendo entre si as mesmas amplas relações com a classe que lhes deu origem, ou então como um conjunto de termos produzidos pela aplicação de um amplo princípio de divisão. Faceta não é, portanto, uma única subclasse, mas um conjunto delas [...]

Para Aranalde (2009, p. 99),

> [...] faceta é a manifestação das categorias em classes distintas. As facetas pertencem aos assuntos dos documentos, sendo o resultado da aplicação de características que formam um conjunto cujo nome é o termo mais geral. Sob uma faceta recaem componentes subordinados, mas com características particulares [...]

Entendemos, então, que "faceta" é o termo a partir do qual se desenvolverá toda a divisão de uma classe inserida em determinado assunto, baseado nas categorias fundamentais do PMEST, e que possibilitará o surgimento de novos assuntos, por muitas vezes compostos. Esses assuntos poderão se ramificar uma vez mais, sendo essa ramificação determinada pelas "subfacetas", que nada mais são do que "grupos de termos coordenados, derivados pela aplicação de um mesmo princípio de divisão, e mutuamente exclusivos" (BARBOSA, 1972, p. 75). Sendo assim, as subfacetas seguem a mesma lógica da divisão anterior (das facetas), com a diferença de que não devem se repetir no mesmo assunto durante a classificação. Ficará claro, no momento de nossa aplicação, que se fará necessário que várias subfacetas sejam derivadas de cada faceta "encontrada".

Muitas vezes, é possível confundirmos facetas com classes, assim como subfacetas com subclasses. Isso ocorre devido, dentre outros fatores, à adoção de tal ideia por parte do *Classification Research Group* (CRG), grupo responsável pela adaptação do sistema facetado proposto por Ranganathan, visando proporcionar uma melhor compreensão aos pesquisadores e profissionais do campo da Ciência da Informação. Os estudos do CRG iniciaram-se em Londres, no ano de 1952, e era composto por membros que também tiveram seus nomes consolidados como grandes teóricos da Biblioteconomia, tais como, D.J. Foskett, J. Mills, D.J. Campell, B.I. Palmer, A.J. Wells, B.C. Vickery, dentre outros (LIMA, 2004).

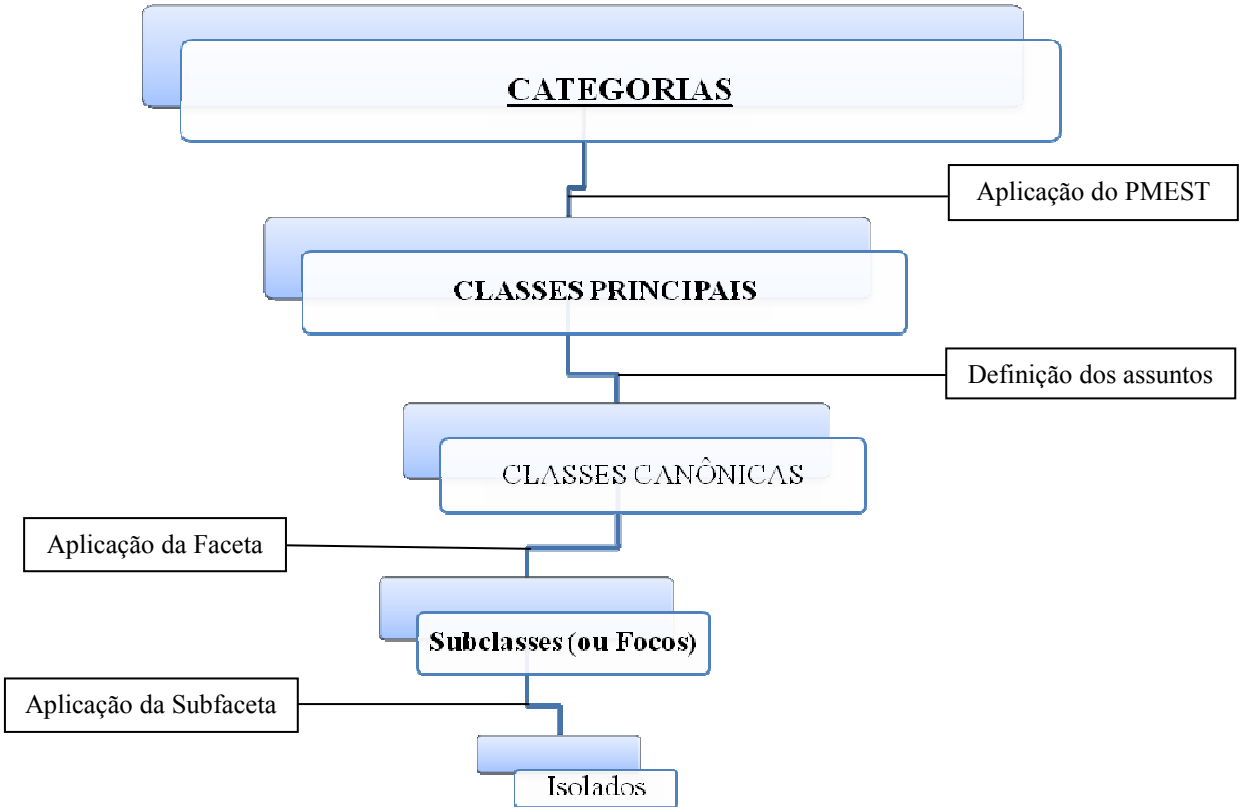
Apesar disso, Lima (2004, p. 64) discorda que o CRG tenha facilitado a pesquisa em análise facetada, pois

> [...] o CRG utilizou, como base para construção de sistemas de classificação bibliográfica, a teoria da análise facetada a partir das ideias já propostas por Ranganathan [...] A teoria da análise facetada, do ponto de vista do CRG, não se encontra em fontes específicas, mas dispersa em vários trabalhos publicados pelos diferentes membros do Grupo. O CRG também não apresenta sua teoria organizada em princípios, como fez Ranganathan, o que, de alguma maneira, dificulta sua difusão entre profissionais e alunos da CI [...]

Faz-se necessário, portanto, que tenhamos em mente toda essa fundamentação teórica, pensada por Ranganathan, para que compreendamos o processo de análise facetada, tendo em vista o objetivo do nosso estudo.

Em suma: a aplicação das cinco **CATEGORIAS** fundamentais do PMEST dá origem às **CLASSES PRINCIPAIS** e aos termos que poderão compor as tabelas auxiliares do sistema. Já as **CLASSES PRINCIPAIS** irão definir os assuntos a serem agrupados nas CLASSES CANÔNICAS. Estas, por sua vez, darão origem às **Subclasses (ou Focos)**, devido à aplicação da faceta que determina a subdivisão das classes. Também poderá haver a aplicação de uma subfaceta, que irá originar os termos Isolados. Para melhor compreensão, ilustramos esse pensamento de Ranganathan no esquema representado na Figura 2:

Figura 2 – Esquema hierárquico da classificação facetada de Ranganathan.



Fonte: (Próprio autor, 2011).

2.2.2 A *Colon Classification*

Com a sua 1ª edição publicada em 1933, a *Colon Classification* se caracteriza, principalmente, por ser dotada de um sistema notacional complexo e específico para a classificação dos assuntos. O fato de ela abranger essas características só foi possível devido a vários estudos feitos por Ranganathan. Suas observações, análises e, acima de tudo, a vontade de contribuir com uma base científica para a Biblioteconomia foram alguns dos principais fatores do sucesso de sua teoria. De acordo com Piedade (1983, p. 194),

> [...] Ranganathan planejou que sua classificação, a partir da 6ª edição, passasse a aparecer em duas versões: a primeira, dita *Basic Classification*, menos detalhada, destinada à classificação de *macro thought* (macropensamento), isto é, assuntos encontrados nos livros de bibliotecas gerais, escolares e universitárias; a segunda, chamada *Depth Classification*, mais detalhada, destinada à classificação de *micro thought* (micropensamento), apresentado especialmente em artigos de periódicos [...]

Vale ressaltar que ainda houve uma versão da *Colon* adaptada para a Documentação, mas que seguia a mesma base teórica já desenvolvida por Ranganathan. As reedições se deram nos anos de 1939, 1950, 1952, 1957 e 1960, seguindo, basicamente, a mesma estrutura que a 1ª edição: regras, tabelas de classificação, tabelas auxiliares, principais publicações de Ranganathan, dentre outras particularidades. Acerca da estrutura da *Colon Classification*, Piedade (1983, p. 196) destaca que

> [...] algumas classes principais são subdivididas em classes aceitas e homogêneas, mas que não representam divisão por característica definida, denominadas, por Ranganathan, de *Canonical Classes*, abreviadamente (CC), ou seja, classes canônicas, classes convencionais [...] As classes principais e as classes canônicas são subdivididas em facetas, agrupando assuntos que têm o mesmo tipo de relacionamento entre si e com a classe principal. Cada faceta é constituída pelo número necessário de subdivisões, denominadas focos, cada uma acompanhada por algarismos arábicos decimais, constituindo seu símbolo de classificação. Todas as facetas são consideradas como manifestações de uma das cinco categorias fundamentais de Ranganathan, o PMEST [...]

Com outras palavras, a divisão das classes principais da *Colon* (*Main Classes*) podem ser entendidas como "capítulos" que vão de A a Z, alguns também compostos por letras gregas ou algarismos. Já as classes canônicas são ramificadas de acordo com a representação da classe principal, o que significa que, na notação, a letra da classe principal é a mesma das classes canônicas. Tomemos como exemplo a classe principal E, que representa o assunto QUÍMICA e compreende, dentre as suas classes canônicas, **Substância Inorgânica**, **Química Geral** e **Físico-Química**, representadas por E1 e E2 (PIEDADE, 1983).

Além disso, Ranganathan também trabalha com os conceitos de focos e isolados. "Emprega-se a palavra 'isolado' quando se refere isoladamente a um conceito, mas, ao se tratar das subclasses de uma faceta, prefere-se a palavra 'foco'. Os isolados, após serem agrupados em facetas, são denominados focos" (PIEDADE, 1983, p. 26). Os focos são representados por algarismos indo-arábicos, que vão de 1 a 9 e que se ramificam atribuindo especificidade ao sistema, enquanto que os isolados encontram-se dispersos ao longo das tabelas. Ainda com base no exemplo supracitado, a *Colon* traz Grupo 0, Grupo 1, Hidrogênio, Sódio etc. como sendo os focos (subclasses) da classe canônica **Substância Inorgânica**, E1.

Para melhor entendimento, exemplificamos, no Quadro 1, a classe principal E, que aborda o assunto QUÍMICA:

Quadro 1 – Representação da classe Química na *Colon Classification*.

CAPÍTULO E
QUÍMICA
E[P]: [E] [2P]

Foco em [P]	Foco em [E] com [2P]
1 Substância Inorgânica	**1 Geral**
10 Grupo 0	11 Preparação
100 Hélio	14 Peso atômico, peso molecular
109 Radônio	
11 Grupo 1	**2 Físico-Química**
110 Hidrogênio	215 Valência
111 Sódio	218 Estrutura molecular
14 Grupo 4	22 Solução
140 Carbono	2201 Solubilidade

Fonte: (PIEDADE, 1983, p. 198. Tradução nossa).

Inferimos, do exemplo acima, o significado de mais alguns conceitos relevantes na definição e estrutura da *Colon Classification*. São eles: fórmula de faceta, níveis e ciclos. Na prática, esses conceitos determinam a ramificação dos termos e a composição da notação dentro desse sistema de classificação. De acordo com Piedade (1983, p. 197),

> [...] cada classe principal e cada classe canônica traz, no início, uma fórmula de faceta, que determina a ordem em que os vários conceitos devem ser apresentados na construção do símbolo de classificação. Em seguida, aparecem as várias relações de subdivisões de assuntos (facetas e focos), representadas por algarismos do sistema decimal, que serão precedidos pelo símbolo da classe e pelos sinais gráficos indicadores do tipo de categoria fundamental em questão (PMEST) [...]

A fórmula de faceta equivale, basicamente, à quantidade de níveis e ciclos que irão compor a notação. No exemplo anterior, tivemos a fórmula de faceta [E] [2P], na qual [2P] significa o segundo ciclo da faceta Personalidade, visto que esta já apareceu na primeira classe canônica, **Substância Inorgânica**, e se repetiu em **Química Geral**. Caso fosse de forma contrária, ou seja, aparecesse [P2], entender-se-ia como sendo o segundo nível da faceta Personalidade, isso significa que "duas ou mais aparições seguidas de uma mesma categoria são chamadas níveis e são indicadas pela sigla da categoria, seguida de um algarismo arábico indicador da ordem" (PIEDADE, 1983, p. 197).

Quanto às tabelas auxiliares, também chamadas por Ranganathan de Isolados, ou seja, termos que se tornam sem sentido quando utilizados sozinhos, a *Colon Classification* traz subdivisões linguísticas, cronológicas, geográficas e políticas (BARBOSA, 1969). Obviamente, os assuntos refletem a realidade em que Ranganathan vivera, porém, é possível que novos assuntos sejam incorporados ao sistema, dada a flexibilidade que o caracteriza. Disponibilizamos, no Quadro 2, o exemplo de como a *Colon* apresenta a tabela cronológica, chamada por Ranganathan de Isolado de Tempo:

Quadro 2 – Representação dos Isolados de Tempo na *Colon Classification*.

ISOLADO DE TEMPO
ISOLADO EM [T]: DIVISÃO CRONOLÓGICA

A Antes de 999 a.C.	J 1500 a 1599 d.C.
A1 Ezoico	K 1600 a 1699 d.C.
A2 Paleozoico	L 1700 a 1799 d.C.
A3 Masozoico	M 1800 a 1899 d.C.
A4 Cenozoico	N 1900 a 1999 d.C.
A5 Quaternário	P 2000 a 2099 d.C.
B 9999 a 1000 a.C.	Q 2100 a 2199 d.C.
C 999 a 1 a.C.	R 2200 a 2299 d.C.
D 1 a 999 d.C.	S 2300 a 2399 d.C.
E 1000 a 1099 d.C.	T 2400 a 2499 d.C.
F 1100 a 1199 d.C.	U 2500 a 2599 d.C.
G 1200 a 1299 d.C.	V 2600 a 2699 d.C.
H 1300 a 1399 d.C.	W 2700 a 2799 d.C.
I 1400 a 1499 d.C.	X 2800 a 2899 d.C.
	YA 2900 a 2999 d.C.

Fonte: (BARBOSA, 1964, p. 178. Tradução nossa).

Mostraremos agora um outro exemplo visando a uma maior compreensão da estrutura da *Colon*. Dessa vez, voltaremos a nossa atenção para a classe principal BIBLIOTECONOMIA, que traz como fórmula de faceta (de acordo com as categorias fundamentais do PMEST): 2[P]; [M]: [E] [2P]. Essa fórmula serve de modelo para a notação quando um documento é classificado. Os focos que serão mostrados a seguir são termos definidos por Ranganathan a partir das categorias Personalidade, Matéria e Energia, apresentados no Quadro 3:

Quadro 3 – Representação da classe Biblioteconomia na *Colon Classification*.

CAPÍTULO 92
BIBLIOTECONOMIA
2 [P]; [M]: [E] [2P]

Foco em [P]
13 Nacional
14 Região

2 Local

3 Acadêmica
34 Universidade

4 Negócios
48 Departamento Governamental
4(Q) Religiosa

Foco em [M]
Mesmo foco em [P]
para Bibliografia Geral
ver CAPÍTULO 9a

Foco em [E] com [2P]
1 Seleção de livros
2 Organização

5 Tratamento técnico
51 Classificação
55 Catalogação

6 Circulação
62 Empréstimo

CAPÍTULO 9a
BIBLIOGRAFIA GERAL
a[P], [P2] [P3], [P4]

Foco em [P]
1 Por modo de produção
12 Manuscrito
14 Livro impresso
17 Mapa

46 Periódico

Fonte: (PIEDADE, 1983, p. 201-202. Tradução nossa).

Piedade (1983) também nos traz alguns assuntos a serem classificados, com base no assunto geral BIBLIOTECONOMIA, e as suas respectivas notações na *Colon Classification*, o que facilita bastante o nosso entendimento, conforme exemplificado no Quadro 4:

Quadro 4 – Exemplos de assuntos classificados em Biblioteconomia.

Catalogação 2:55	Circulação de livros em bibliotecas nacionais 213;14:6
Bibliografia de mapas a17	Empréstimo de periódicos entre bibliotecas regionais 214;46:62
Classificação de manuscritos **2;12:51**	Catalogação de mapas em bibliotecas universitárias 234;17:55

Fonte: (PIEDADE, 1983, p. 202, grifo nosso).

Num dos exemplos acima, destacamos o assunto **classificação de manuscritos**, que recebeu a notação 2;12:51. Fazendo uma breve análise facetada, inferimos que o ; (ponto-e-vírgula) precede o 12 por este representar a Matéria "manuscrito", ou seja, o documento físico, o material concreto. Por outro lado, o : (dois pontos) precede o 51 por este representar a Energia "classificação", isto é, a ação de classificar. O 2 representa a classe principal, BIBLIOTECONOMIA. Esse mesmo raciocínio vale para os demais exemplos.

Ao estudar e/ou trabalhar com a *Colon Classification* é importante que tenhamos sempre em mente os símbolos notacionais que compõem o sistema, os quais representam cada uma das cinco categorias fundamentais do PMEST, conforme expostos no Quadro 5:

Quadro 5 – Categorias fundamentais e seus símbolos de ligação.

CATEGORIAS FUNDAMENTAIS	SÍMBOLOS DE LIGAÇÃO
Personalidade	, (vírgula)
Matéria	; (ponto-e-vírgula)
Energia	: (dois pontos)
Espaço	. (ponto)
Tempo	‘ (apóstrofo)

Fonte: (RANGANATHAN, 1971, p. 16).

Esses símbolos foram elaborados por Ranganathan juntamente com seus professores, colegas e alunos da Universidade. Cada um desses símbolos é de suma importância na caracterização da *Colon*, pois são eles que representam, por meio da notação, a ordem de citação na análise facetada, formando, assim, o símbolo notacional de cada assunto.

Estruturando o sistema de classificação facetada de Ranganathan, apresentamos, no Quadro 6, um índice contendo as classes principais, os símbolos notacionais e algumas das facetas que compõem a *Colon Classification*:

Quadro 6 – Classes principais da *Colon Classification*.

Categorias Fundamentais
, Personalidade
; Matéria
: Energia
. Espaço
' Tempo

Isolados de Tempo
...
'M 1800 a 1899
'N 1900 a 1999
'N5 1950's
'P 2000 a 2099
...
z Geral
[material] , [coisa] , ...

1 Universo do Conhecimento

2 Biblioteconomia
[biblioteca] ; [material] : [problema]

2;45:6	Circulação de jornais
234:81	Seleção de livros em biblioteca universitária
234;45:81	Seleção de jornais em biblioteca universitária

3 Livros

4 Jornalismo

Índice
A Ciências Naturais
B Matemática
C Física
D Engenharia
E Química
F Tecnologia
G Biologia
H Geologia
I Botânica
J Agricultura
K Zoologia
L Medicina
M Artes Úteis
Δ Misticismo
N Belas Artes
O Literatura
P Linguística
Q Religião
R Filosofia
S Psicologia
∑ Ciências Sociais
T Educação
U Geografia
V História
W Ciência Política
X Economia
Y Sociologia
Z Direito

Fonte: (ISKO ITALIA. Disponível em: <http://www.iskoi.org/doc/colon.htm>. Acesso em: 15 maio 2011. Tradução e adaptação nossa).

É importante esclarecer que todos os termos que aparecem entre [ ] (colchetes) representam as facetas de acordo com o PMEST, ou seja, são os termos que determinam a divisão das classes canônicas em subclasses (ou focos). Para melhor entendimento, exemplificamos, do Quadro 7 ao Quadro 11, as principais subdivisões que compõem a estrutura da *Colon Classification*, tendo como base a maneira com que Ranganathan estruturou o seu sistema de classificação.

Lembramos, contudo, que os Quadros que se seguem consistem apenas num breve resumo da real estrutura da *Colon*. Apesar de nossos esforços, não conseguimos ter acesso à publicação do sistema na íntegra; no entanto, o levantamento bibliográfico e documental das principais publicações acerca da classificação de Ranganathan, tanto em suas próprias obras quanto nas de autores que se dedicaram a estudá-las, deu-nos embasamento teórico suficiente para a aplicação de nossa pesquisa. É válido salientar, ainda, que os Quadros são compostos pelas subdivisões das classes principais em classes canônicas, por suas subclasses (ou focos) e por alguns dos assuntos classificados, com suas respectivas notações, baseadas na estrutura da *Colon Classification*:

Quadro 7 – Classes A a C da *Colon Classification*.

A Ciências Naturais

B Matemática
B1 Aritmética
B11 Aritmética Básica
B12 Conceitos de Números
B13 Teoria dos Números [número] , [teoria] : [método]
B2 Álgebra
B21 Álgebra Elementar
B23 Equações Algébricas [equação] : [problema]
B25 Álgebra Superior [forma] , [grau] : [transformação]
B3 Análises
B33 Equação Diferencial [equação] , [grau] , [ordem] : [problema]
B37 Variável Real [variável] : [problema]
B38 Variável Complexa [variável] : [problema]
B39 Funções Especiais
B4 Outros Métodos
B6 Geometria [espaço] : [método]
B7 Mecânica [matéria] : [problema]
B8 Físico-Matemática
B9 Astronomia [corpo] : [problema]

B13:5k	Último Teorema de Fermat
B23:1	Solução numérica de equações algébricas
B331,1,2:1	Solução numérica de equações lineares ordinais de segunda ordem
B62:3	Geometria Plana
B952:72	Órbita dos Cometas

C Física
C1 Fundamentos
C2 Propriedades da Matéria [estado] : [problema]
C3 Som [comprimento de onda] : [problema]
C4 Calor [estado] : [problema]
C5 Luz, Radiação [comprimento de onda] : [problema]
C6 Eletricidade [eletricidade] : [problema]
C7 Magnetismo [magnetismo] : [problema]
C8 Hipóteses Cósmicas

C25:53	Compressão do líquido
C3:11;5	Velocidade do som na água
C53:3	Espectros de Raio-X

Fonte: (ISKO ITALIA. Disponível em: <http://www.iskoi.org/doc/colon.htm>. Acesso em: 15 maio 2011. Tradução e adaptação nossa).

Quadro 8 – Classes D a J da *Colon Classification*.

D Engenharia
[trabalho] , [parte] ; [material] : [problema]

D27,3:4	Concepção de açude excedente para tanque
D41531,5	Trilhos de curvas de bitola estreita
D5153,8:5	Especificação para o freio de vagão de trem

E Química
[substância] , [combinação] : [problema]
:1 Geral
:2 Físico-Química
:3 Química Analítica
:33 Qualitativa
:34 Quantitativa
:35 Volumétrica
:4 Sintética
:5 Extração
:8 Manipulação
E1 Substância Inorgânica
E10 Grupo 0
E11 Grupo 1
E110 Hidrogênio
E1109 Lítio
E111 Sódio
...
E2 Hidróxido, Óxido básico
E3 Ácido, óxido ácido
E4 Sal
E5 Substância Orgânica
...

E111:14	Peso atômico do Sódio
E194:3	Liga de análise
E1940*k*13:34	Estimação da presença de cobre numa liga
E3616:4	Síntese de ácido sulfúrico
E41871:4	Síntese de cloreto de ouro
E9g,92:3	Análise bioquímica de alcaloides

F Tecnologia
[substância] : [problema e processo]

F:6	Eletroquímica Industrial
F551:2	Hidrogenação do carvão

G Biologia
[conjunto de órgãos] : [problema]

G11:2	Anatomia Microscópica
G:13.44	Plantas e Animais da Índia
G:(c):(b)	Biofísica Matemática

H Geologia
[substância] : [problema]
H1 Mineralogia
H2 Petrologia
H3 Geologia Estrutural
H4 Geologia Dinâmica
H5 Estratigrafia
H6 Paleontologia
H7 Geologia Econômica
H8 Hipóteses Cósmicas

H191:16	Gênese do Diamante
H4115.53	Vulcões da França
H7.438	Recursos minerais da Birmânia
H7113:16.8	Origens das jazidas de cobre da Austrália

HX Mineração
[substância] , [trabalho] :[problema]

I Botânica
[grupo natural] , [órgão] : [problema]

I22:12.42	Algas Japonesas
I5,15:3	Fisiologia das Folhas
I5,16:2	Morfologia das Flores

J Agricultura
[planta] , [utilidade/parte] , [órgão] : [problema] , [natureza do solo/substância/causa/material] : [operação]
:1 Solo
:2 Estrume
:3 Propagação
:4 Doença
:5 Desenvolvimento
:6 Reprodução
:7 Colheita

Fonte: (ISKO ITALIA. Disponível em: <http://www.iskoi.org/doc/colon.htm>. Acesso em: 15 maio 2011. Tradução e adaptação nossa).

Quadro 9 – Classes J a O da *Colon Classification*.

:91 Nomenclatura
:92 Morfologia
:93 Fisiologia
:95 Ecologia

,1 seiva
,2 bulbo
,3 raiz
,4 haste
,5 folha
,6 flor
,7 fruta
,8 semente
,97 árvore
J1 horticultura
J2 alimento
J3 comida
J4 estimulante
J5 óleo
J6 medicamento
J7 tecido
J8 corante

K Zoologia
[a mesma fórmula de Botânica I]

KZ Pecuária
[a mesma fórmula de Agricultura J]

KZ311	Criação de vaca
KZ351	Criação de ave
KZ351:4	Doenças de aves
KZ351:421:5	Prevenção da Tuberculose em aves

L Medicina
[órgão] : [problema] , [causa] : [manipulação]

L:4	Doenças
L:4:3	Diagnóstico de doenças
L9f:4	Ginecologia

LZ Farmacologia
LZ3 Farmacologia [substância] : [ação] , [órgão]
LZ5 Farmacopeia [nação] , [coisa]

M Artes Úteis
M7 têxteis [material] : [trabalho]

M71:2	Fiação do algodão
M73:7	Tecelagem de seda

MZ Humanidades e Ciências Sociais

MZA Humanidades

Δ Misticismo e Espiritualidade
[religião] , [entidade] : [problema]

Δ:8	Ocultismo
Δ,16:5	Visão de almas desencarnadas
Δ(e118)	Alquimia

N Belas Artes
Na arquitetura [estilo] , [utilidade] , [parte] : [técnica]
Nd escultura [estilo] , [figura] ; [material] : [técnica]
Nn gravura
Nq pintura [estilo] , [figura] ; [material] : [técnica]
Nr música [estilo] , [música] ; [instrumento] : [técnica]

Nd44,c8(q4)	Iconografia Budista

NX Literatura e Linguística

O Literatura
[língua] , [forma] , [autor] , [trabalho]

	O Inglês é tido como a língua favorecida
O,1:*g*	Crítica Poética
O-,1:*g*(s:55)	O amor em poesia inglesa
O-,2j64,51	*Hamlet*
O-,2j64,51:*g*	Crítica de *Hamlet*
O-,2j64,51:*g*(s)	Psicologia de *Hamlet*
O121,1g65:*g*	Crítica de Dante

Fonte: (ISKO ITALIA. Disponível em: <http://www.iskoi.org/doc/colon.htm>. Acesso em: 15 maio 2011. Tradução e adaptação nossa).

Quadro 10 – Classes P a W da *Colon Classification*.

P Linguística
[língua], [variante de estágio] , [elemento] : [problema]
:1 Fonologia
:2 Morfologia
:3 Sintaxe
:4 Significado
,1 Fonema
,2 Sílaba
,3 Palavra
,4 Frase
,5 Cláusula
,6 Sentença
,9b Gíria
,9d Dialeto
,9j Jargão
P111 Inglês
P113 Alemão
P122 Francês

P152:4*k* Dicionário Hindi

Q Religião
[religião] : [problema]
:1 Mitologia etc.
:2 Escritura
:3 Teologia
:4 Prática Religiosa
:5 Pregação etc.
:6 Instituição Religiosa
:7 Seita Religiosa
:8 Heresia e Perseguição
Q1 Hinduísmo
Q3 Jainismo
Q4 Budismo
Q5 Judaísmo
Q6 Cristianismo
Q7 Islam

Q3:336 Renascimento de acordo com o Jainismo
Q4:33 Buda
Q6:445 Culto Cristão
Q7:26 Tradições Muçulmanas

R Filosofia
R1 Lógica
R2 Epistemologia
R3 Metafísica [conceito] , [sujeito]
R4 Ética [tema] , [princípio de controle]
R5 Estética

R14 Lógica Simbólica
R3,(q) Filosofia da Religião
R4,(q6) Ética Cristã
R65,5 Brahma-Sutra

S Psicologia
[entidade] : [problema]

S15:524 Raiva de crianças
S55:524 Raiva de mulheres

∑ Social Sciences

T Educação
[educando] : [problema] , [assunto] , [método]

T:3,1 Método audiovisual
T:3(b2) Método de ensino da Álgebra
Tn3.44'n5 Escolas básicas na Índia em 1950

U Geografia
[geografia]

U30*r*287 Bioclimáticos

V História
[comunidade] , [parte] : [problema]
*Y*7 Biografia (isolado comum)
V53,1y7l69 Vida de Napoleão

W Ciência Política
[tipo de Estado] , [parte] : [problema]

W:5 Direitos e deveres cívicos
W:58(q) Liberdade de consciência
W4,1:(r) Filosofia da realeza
W41:591 Fidelidade numa Monarquia Absoluta
W691:58(q) Liberdade de consciência num Estado comunista

Fonte: (ISKO ITALIA. Disponível em: <http://www.iskoi.org/doc/colon.htm>. Acesso em: 15 maio 2011. Tradução e adaptação nossa).

Quadro 11 – Classes X a Z da *Colon Classification*.

X Economia
[negócio] : [problema]

X:9 Gestão de pessoal
X:936 Participação nos lucros

Y Sociologia
[grupo] : [problema] : [problema secundário]

Y31:7:7 Desenvolvimento rural

YX Serviço Social

Z Direito
[comunidade] , [lei 1] , [lei 2]

Z53 Direito Francês
Z(Q2) Direito Hindu
Z1,C265 Prêmio em Direito

Fonte: (ISKO ITALIA. Disponível em: <http://www.iskoi.org/doc/colon.htm>. Acesso em: 15 maio 2011. Tradução e adaptação nossa).

Fica-nos nítida, portanto, a complexidade da estrutura e da abrangência dos assuntos na *Colon Classification*. Percebemos que muitos são os detalhes empregados na ramificação das classes canônicas, visto que a *Colon* é um sistema analítico-sintético, no qual as facetas é que determinam a análise e síntese dos assuntos. Vale ressaltar que, com o passar dos anos, a teoria de Ranganathan foi adaptada por diversos estudiosos, inclusive das áreas da Matemática e Informática. São adaptações desenvolvidas de acordo com as diferentes realidades encontradas nos ambientes informacionais, dando origem, muitas vezes, a outros sistemas de classificação voltados para assuntos específicos, devido, principalmente, à complexidade e às possibilidades de inserção de novos termos na *Colon Classification*.

Foi seguindo esse raciocínio que construímos o nosso sistema de classificação facetada aplicada na organização de arquivos de TV, cuja metodologia de pesquisa será discutida a seguir.

3 METODOLOGIA

Com a finalidade de dar suporte à nossa fundamentação teórica, escolhemos métodos e tipos de pesquisa que viabilizaram a análise e aplicação deste estudo. Nesse sentido, adotamos o método estruturalista (THIRY-CHERQUES, 2006) como método de pesquisa, adaptando-o às áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação, de acordo com o foco de nossa pesquisa, e relacionando cada uma de suas etapas com o sistema de classificação facetada de Ranganathan. No que se refere aos tipos de pesquisa adotados, recorremos às pesquisas aplicada, exploratória, bibliográfica, documental e à observação participante (CUNHA, 1982; CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007). A seguir, discutiremos as teorias e as principais características que definem o método e os tipos de pesquisa utilizados no desenvolvimento deste estudo.

3.1 O ESTRUTURALISMO COMO MÉTODO DE PESQUISA

Nossa breve explanação acerca do método estruturalista se dará com base no artigo científico elaborado por Thiry-Cherques (2006), o qual reuniu as principais definições e características desse método de pesquisa.

O método estruturalista se caracteriza por ser um método desenvolvido diante das observações dos fenômenos no campo das Ciências Humanas, principalmente no que concerne às Ciências Sociais e à Linguística. Surgiu com o intuito de aliar a teoria com a prática no andamento de uma pesquisa, já que advém das pesquisas de campo, e não do simples raciocínio especulativo. Parte do pressuposto de desenvolver uma teoria do logicamente possível, construída a partir do real concreto, ou seja, uma análise subjetiva daquilo que jaz além do que é visto nitidamente por todos (THIRY-CHERQUES, 2006).

Grandes estudiosos, principalmente da área da Linguística, voltaram a sua atenção para a análise das relações que compunham os sistemas complexos. Nesse sentido, a estrutura pela qual se constituía a linguagem passou a ser abordada primeiramente por Ferdinand de Saussure, o qual

> [...] se preocupou com a sistematização dos sinais, vindo a criar uma nova ciência, a Semiologia, baseada na teoria da arbitrariedade do signo. Uma nova ciência segundo a qual as relações entre os vocábulos e o mundo se estabelecem não por leis imanentes da natureza, mas por operações derivadas de relações estruturais profundas do espírito humano [...] (TEIXEIRA, 1998, p. 35, citado por THIRY-CHERQUES, 2006, p.140).

Thiry-Cherques (2006) afirma que nomes como Roman Jakobson, Roland Barthes, Jean Piaget, Michel Foucault e Claude Lévi-Strauss também aderiram ao movimento estruturalista em suas respectivas áreas de atuação. Contudo, coube a Lévi-Strauss consagrar a teoria estruturalista como um método de pesquisa científica, uma vez que sua proposta consistia em:

> [...] considerar não o fenômeno consciente e as relações que mantêm entre si os elementos diretamente observáveis, mas a voltar-se para a estrutura – inconsciente – que sustenta e ordena estes elementos e estas relações; estudar não mais os elementos, mas, ao contrário, privilegiar a descrição e a análise das relações entre os elementos; concentrar-se na ordenação destas relações como sistemas inteligíveis, não como invenções do espírito nem como simples abstrações, mas como relações que, ainda que baseadas no empírico, são também racionais, isto é, são passíveis de ser representadas por esquemas lógico-matemáticos; restringir-se aos sistemas efetivos, isto é, aos sistemas de relações simultâneas em um tempo dado (os sistemas sincrônicos), e abandonar toda a ideia de origem e formação histórica dessas estruturas (a diacronia) [...] (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 141).

Ainda de acordo com Thiry-Cherques (2006, p. 138),

> [...] a perspectiva estruturalista propõe o abandono do exame particular dos objetos a que se consagra. Estuda as estruturas subjacentes ao organizar e ao administrar, formadas pelos elementos que os caracterizam enquanto traços inerentes ao espírito humano [...]

Em outras palavras, a análise do estruturalismo parte daquilo que não se manifesta, mas que está subentendido. É o que constitui a **estrutura**. Esse método também enfoca a totalidade do fenômeno analisado, e não somente as suas partes componentes de forma isolada.

Entendemos que se faz necessário, com o objetivo de obter êxito por meio de uma pesquisa estruturalista, distinguir o significado dos termos “elementos”, “sistemas” e “estrutura”. Os elementos podem ser considerados como as partes que compõem os sistemas, os quais se caracterizam por serem atribuídos de funções interdependentes e interrelacionadas, sendo executadas pelos elementos integrantes. A estrutura é o que constitui e relaciona os sistemas, de maneira que estes possam trabalhar harmonicamente, ou seja, é o que possibilita e dá suporte à execução das funções designadas por cada sistema.

Para melhor entendimento, é possível fazermos uma analogia com a estrutura do corpo humano, por exemplo. Os elementos seriam cada órgão que o compõe, os sistemas seriam o conjunto desses órgãos e que executam uma função específica, e a estrutura poderia ser considerada como sendo o próprio corpo humano, que dá suporte às atividades orgânicas.

Tomemos como exemplo o coração, um órgão, ou seja, um elemento, que desempenha a função de bombear o sangue "dentro" do sistema circulatório, o qual faz parte da estrutura do corpo humano.

Trazendo o método estruturalista para a nossa área, concordamos que

> [...] o estudo das estruturas no campo organizacional e administrativo, como em qualquer campo particular, consiste em descrever um sistema relacional que possa ser identificado a partir de um ponto nodal que declare o significado do que subsiste para além do diretamente manifesto e o torne inteligível. Isto é feito mediante observação, decomposição em tipos de elementos, conceitualização dos elementos e das relações, elaboração de um modelo genérico explicativo e de uma interpretação, que oferece a descrição da estrutura e das perspectivas explicativas e antecipatórias que encerra [...] (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 147).

Esclarecemos que a citação acima retrata fielmente o ponto de partida do desenvolvimento desta pesquisa, pois foi seguindo cada etapa acima descrita que construímos a nossa proposta de classificação, como se verá mais adiante. Tendo em vista, essa breve conceituação e exemplificação, percebemos que o método estruturalista pode ser considerado tão complexo quanto os demais métodos científicos. Abordaremos, assim, cada uma de suas etapas voltada para a análise facetada.

3.2 O MÉTODO ESTRUTURALISTA APLICADO À ANÁLISE FACETADA

Relacionando esta pesquisa com a metodologia estruturalista, abordaremos o sistema de classificação facetada de Ranganathan partindo do pressuposto de que a sua estrutura, ou seja, a base que sustenta o sistema, consiste na sua característica maior: a conceituação, análise e síntese dos assuntos, daí ser conhecido como um sistema analítico-sintético. E esse é o nosso principal foco de estudo, ou seja, explorar cada detalhe dessas etapas que compõem o sistema facetado, verificando de que forma essa estrutura analítico-sintética permite a execução das funções atribuídas ao sistema de classificação facetada.

Podemos inferir, então, que o sistema facetado de Ranganathan possui as funções de planejar, organizar e gerenciar variados tipos de acervos documentais, tratando, consequentemente, seu conteúdo informacional. Para isso, esse sistema é composto por elementos que executam essas funções, tais como, facetas, notação, ordem de citação, de arquivamento etc., além de estar inserido dentro de uma estrutura analítico-sintética que relaciona o sistema com os outros existentes. Em outras palavras, a base de sua sustentação é o processo de análise e de síntese conceituais nas mais variadas áreas do conhecimento.

Seguindo as etapas do método estruturalista (THIRY-CHERQUES, 2006), partimos da observação da possibilidade e viabilidade da utilização da classificação facetada na organização de acervos gerais e especializados, como os de arquivos de TV, por exemplo. Durante a decomposição em elementos, analisamos o sistema com base nas definições e aplicações práticas dos elementos que o compõem, a saber, categorias, classes, facetas, subfacetas, focos, isolados, dentre outros. Tais elementos, unidos por relações, "para que possam ser considerados estruturas, devem ser formalmente passíveis de substituição por signos, de modo que possamos aplicar-lhes raciocínios lógico-matemáticos" (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 148). Em outras palavras, podem ser representados por uma linguagem de indexação e/ou notacional, é o que caracteriza a etapa de conceituação dos elementos no estruturalismo.

Em seguida, passamos à elaboração de um modelo que nos guiou durante a aplicação da teoria de Ranganathan. Construímos a nossa estrutura com base no sistema facetado, partindo das relações que se estabelecem entre os seus elementos. Foi a partir desse modelo que executamos as funções de conceituação, análise e síntese dos assuntos, o que possibilitou a construção de nossa classificação voltada para a formação e organização de arquivos de TV. Com base na etapa da análise interpretativa, e com o nosso modelo de classificação já construído, discutimos os aspectos e as relações que se estabelecem entre a classificação facetada e a realidade concreta na organização de arquivos de TV, tendo em vista as visitas realizadas.

Thiry-Cherques (2006, p. 150) corrobora toda essa explanação que temos feito acerca do método estruturalista aplicado à análise facetada:

> [...] ao término do passo observacional, temos um modelo relacional concreto de um conjunto de elementos concretos. Ao término da interpretação estrutural, devemos ser capazes de enunciar uma estrutura relacional formalizada de um conjunto determinado de elementos ordenados. A análise estrutural parte, portanto, da conceituação dos elementos, isto é, a passagem do concreto ao formal (ao genericamente aplicável), e da análise interpretativa, isto é, a determinação dos elementos e das relações, para chegar a realizar uma construção lógica, isto é, uma ordenação estruturada dos elementos [...]

Foi de acordo com essas etapas do método estruturalista que desenvolvemos a nossa aplicabilidade, corroborando a ideia de que "a estrutura é válida quando satisfaz a condição de explicar não só o observado, mas o observável. As estruturas identificadas e descritas devem ser capazes de autorizar o lançamento de novas hipóteses e de predições" (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 152). É o que se verá como resultado desta pesquisa.

3.3 TIPOS DE PESQUISA ADOTADOS

Devido ao conhecimento restrito acerca do assunto a ser pesquisado, esta pesquisa apresenta caráter exploratório, uma vez que buscamos em diversas fontes de informação, as mais fidedignas possíveis, todo o embasamento teórico para desenvolver e dar credibilidade ao nosso estudo. No que se refere à pesquisa exploratória, concordamos com Cervo, Bervian e Silva (2007, p. 63) quando expõem que

> [...] ela não requer a elaboração de hipóteses a serem testadas no trabalho, restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo. Tais estudos têm por objetivo familiarizar-se com o fenômeno ou obter uma nova percepção dele e descobrir novas ideias. A pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre seus elementos componentes. Esse tipo de pesquisa requer um planejamento bastante flexível para possibilitar a consideração dos mais diversos aspectos de um problema ou de uma situação [...]

Nesse sentido, apresentamos, nas seções anteriores, uma revisão de literatura acerca das publicações referentes ao tema, reunindo, analisando e discutindo essas publicações até produzirmos, de certa forma, um resumo de assunto, juntamente com a nossa análise crítica acerca do estudo e da aplicação da classificação facetada. Para isso, adotamos como principal procedimento as pesquisas bibliográfica e documental, uma vez que ambas

> [...] procuram explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em artigos, livros, dissertações e teses [...] Busca-se conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado sobre determinado assunto, tema ou problema [...] (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 60).

Consequentemente, construímos todo um mapeamento teórico com base nas publicações que dizem respeito ao tema para, em seguida, desenvolvermos na pesquisa as nossas ideias e darmos novos sentidos ao assunto, à medida que relacionamos a teoria e a prática do sistema de classificação proposto por Ranganathan.

Esta pesquisa também se caracteriza como sendo de natureza aplicada, pois nosso objetivo não se limita apenas em explorar a teoria da classificação facetada de Ranganathan, mas também aplicá-la na formação, organização e gestão de arquivos de TV. Para tanto, visando coletar as impressões a respeito desses ambientes, optamos pela observação participante como mais uma metodologia de pesquisa, também conhecida como observação espontânea, não-sistemática ou não-controlada, sendo definida como

> [...] aquela em que um participante vai captando os acontecimentos fazendo o papel de um repórter, sem, entretanto, participar ou influir no fluxo dos acontecimentos [...] É útil para o fornecimento de ideias iniciais e opiniões que podem levar a uma hipótese mais explícita [...] Permite o registro dos acontecimentos simultaneamente com a sua ocorrência espontânea [...] (CUNHA, 1982, p. 13).

Inicialmente, tínhamos a intenção de visitar todas as principais emissoras de TV locais, porém, houve resistência por parte de algumas, o que nos deu a entender que as informações acerca de seus arquivos, bem como de sua rotina de trabalho, eram restritas aos colaboradores da instituição. Diante dessa realidade, visitamos somente quatro emissoras que nos permitiram a observação de seus acervos para que pudéssemos aplicar a nossa pesquisa, o que nos possibilitou o contato com diversas realidades. Para essa observação, nossas visitas foram previamente agendadas, com os dias e horários definidos em comum acordo, e as observações foram feitas em dias diferentes, com a duração de 2 a 3 horas em cada organização. Durante as observações, adotamos um caderno de campo onde foram registradas as informações relativas a esse processo.

A construção de nosso sistema de classificação facetada nos exigiu a realização dessas visitas; no entanto, as experiências que adquirimos em nosso ambiente de estágio, realizado em um dos arquivos de TV observados, também foram primordiais para o perfeito andamento desta pesquisa. Outra exigência que possibilitou a elaboração de nosso sistema foi o conhecimento prévio acerca da linguagem utilizada na área de Comunicação, das características que norteiam as atividades das emissoras de TV e dos usuários de cada arquivo de imagens visitado.

Por fim, visando definir as facetas, classes e subclasses que iriam compor o sistema, analisamos os serviços oferecidos pelos arquivos de TV, os sistemas de recuperação da informação implantados, as formas de tratamento e recuperação das imagens e a rotina de trabalho de cada uma das emissoras visitadas. Um de nossos principais objetivos foi o de fazer com que nosso sistema de classificação facetada refletisse a realidade dessas unidades de informação, adaptando as suas características com base nos princípios da teoria de Ranganathan. O resultado da análise feita nesses acervos será discutido a seguir.

4 APLICABILIDADE

Diante de toda a fundamentação teórica apresentada anteriormente, iremos relacionar agora a teoria de Ranganathan com a formação, organização e gestão de arquivos de TV. Para tanto, fizemos um breve relato acerca dos resultados obtidos em nossa observação, destacando a atuação e o perfil do bibliotecário nos arquivos de TV e caracterizando a linguagem e os usuários dessas unidades de informação. Em seguida, iremos apresentar o nosso sistema de classificação propriamente dito, com o desenvolvimento da nossa análise facetada e com a apresentação das nossas tabelas de classificação, já determinadas de acordo com a proposta de classificação facetada voltada para os arquivos de TV.

4.1 RESULTADOS DA OBSERVAÇÃO

Observar os pormenores das atividades desempenhadas por cada arquivo de TV visitado foi de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa. Nesse sentido, atentamos para o perfil profissional do bibliotecário que atua nesses arquivos, para a rotina de trabalho que caracteriza esses ambientes informacionais e para a linguagem utilizada pelos usuários e pelos sistemas de busca implantados em cada arquivo. Os resultados de cada uma dessas observações serão descritos a seguir.

4.1.1 Atuação do Bibliotecário nos Arquivos de TV

Sabemos que a formação atual do profissional bibliotecário está voltada para a sua atuação em múltiplas áreas no mercado de trabalho. Diante disso, daremos ênfase à atuação do bibliotecário no ambiente dos veículos de comunicação, mais especificamente nos arquivos de TV, na medida em que essa breve explanação se faz necessária para entendermos a aplicação de nossa classificação facetada. É importante salientar que os conceitos e as características aqui apresentadas são com base única e exclusivamente em nossa observação do trabalho do bibliotecário nas TVs visitadas e em nossa experiência no ambiente de estágio.

Constatamos que o profissional bibliotecário que atua na área da Comunicação, voltada para a TV, jornal ou publicidade, por exemplo, deve conhecer e saber utilizar de maneira adequada todos os serviços de informação oferecidos por cada um desses veículos. Conhecer a linguagem da Comunicação, bem como as necessidades de seus usuários,

constitui-se em fator primordial para o desenvolvimento de suas atividades e, consequentemente, para o seu sucesso profissional.

É preciso estar atento à velocidade com que se dá o ciclo informacional dentro dessas organizações e, consequentemente, à crescente produção documental. São imagens fotográficas e em movimento, textos em linguagem coloquial, campanhas publicitárias, cartazes e *banners* de divulgação, digitalização de documentos, mídias com conteúdos diversos a serem arquivados, enfim, o bibliotecário necessitará ter competência para tratar a documentação arquivada nesses ambientes informacionais. Para tanto, deve estar atento e fazer conexões entre as informações que são veiculadas na TV, no rádio, nos jornais, nas revistas e na Internet, visando estabelecer relações que venham ao encontro da melhor maneira de tratar e gerir a informação nos arquivos dessas unidades de informação.

Vale ressaltar que a **dinamicidade** é uma das características principais das unidades de informação inseridas nos veículos de comunicação, dentre elas, a TV. Isso significa que o profissional bibliotecário que atua nos arquivos de TV deve se adaptar a essa dinâmica e desenvolver tanto uma linguagem de classificação quanto uma política de indexação coerentes com a dinamicidade desse ambiente. É preciso que o bibliotecário esteja apto também para escolher os melhores suportes para arquivamento e o *software* que melhor gerencie a informação, além de estar sempre disposto a implementar outros projetos que atendam aos serviços e à demanda informacional, visando satisfazer às necessidades de organização do acervo e de pesquisa de seus usuários.

Fazendo uma breve analogia com as Cinco Leis de Ranganathan, observamos que os bibliotecários gestores de cada arquivo de TV visitado têm a consciência de que o arquivo é para uso e é um organismo em constante crescimento. Também constatamos que esses profissionais estão aptos a filtrar e selecionar a informação que venha ao encontro das necessidades dos usuários, poupando o seu tempo, tendo em vista que cada usuário requer a sua informação e que para cada informação há o seu usuário específico.

Nesse sentido, faz-se necessário que o profissional bibliotecário tenha uma visão holística de toda a estrutura televisiva, para que atenda a seu usuário eficazmente, já antecipando o atendimento de suas necessidades informacionais, e se faça seja reconhecido profissionalmente dentro da instituição. Podemos até afirmar que o bibliotecário deve "prever" o que os seus usuários precisam ou deverão buscar, tendo em vista o seu contato direto com cada um dos usuários. No caso de um arquivo de TV, a maioria dos setores das emissoras são interrelacionados com o arquivo, ou seja, o arquivo presta serviços de

informação a praticamente todos os setores da TV. Nesse sentido, constatamos que os usuários dos arquivos atribuem significante importância à existência dessa unidade de informação, pois dela também depende o fluxo informacional dentro da emissora, bem como o perfeito andamento das atividades da TV, sendo responsável por tratar, armazenar, preservar e disponibilizar todo o conteúdo veiculado diariamente na programação.

O tratamento dado aos documentos arquivados nos arquivos de TV é bem diferenciado. É, na maioria das vezes, um trabalho realizado por uma equipe multidisciplinar, composta não só por bibliotecários, mas também por técnicos de informática, arquivistas, historiadores, administradores, publicitários, jornalistas, dentre outros profissionais que auxiliam na execução dos trabalhos. Sendo assim, o bibliotecário responsável pelo arquivo deverá saber gerir coerentemente essa equipe multidisciplinar, além de dar uma "nova roupagem" às técnicas de indexação, catalogação e classificação, adaptando-as à realidade do ambiente, valorizando a sua profissão e ocupando, assim, o seu espaço na gestão da informação.

4.1.2 Linguagem e Usuários dos Arquivos de TV

Já constatamos, conforme as próprias experiências relatadas por Ranganathan, que conhecer a linguagem, a opinião e os interesses do usuário é de fundamental importância para a elaboração de um sistema padrão de classificação. No nosso caso, observar o cotidiano dos principais arquivos de TV locais nos possibilitou enxergar um leque de opções na construção de nossa classificação facetada. Percebemos que, na grande maioria das vezes, os usuários já sabem realmente o que, como e onde buscar as informações. No entanto, ficou-nos nítida a importância da intermediação existente entre bibliotecário e usuário nas pesquisas realizadas, auxiliando-o na mediação entre acervo e sistema.

Nesse sentido, o contato direto com os profissionais envolvidos nos trabalhos das emissoras de TV visitadas, na grande maioria usuários do arquivo, foi de suma importância não só para conhecermos a sua linguagem, mas também para coligirmos termos que satisfizessem às necessidades dos usuários internos, externos e em potencial de cada um dos arquivos visitados. O resultado da aplicação dessa pesquisa será apresentado de acordo com as observações e análises feitas nesses arquivos, cujos termos coligidos foram incorporados ao nosso sistema de classificação com base nas categorias fundamentais do PMEST.

A linguagem dos arquivos de TV reflete, obviamente, a própria linguagem de seus usuários. Além disso, os sistemas de recuperação da informação também foram desenvolvidos e implantados com base na necessidade dos usuários. Cada emissora adota um método específico de indexação e classificação, seja por meio da linguagem livre, isto é, sem a preocupação de padronizar os termos inseridos no sistema, seja pelo uso de vocabulário controlado ou elaboração de políticas de indexação e arquivamento. Sendo assim, entendemos que é preciso que a linguagem do sistema sempre corresponda à do acervo e a dos usuários do arquivo, assim como não deve haver limitações quanto à escolha de termos ou descritores na indexação e classificação dos documentos. Isso permite que o conteúdo informacional do documento não se perca, além de dinamizar a busca e filtrar as informações relevantes.

Podemos afirmar, portanto, que o tratamento dado aos documentos não-convencionais de caráter audiovisual pode ser padronizado em sua indexação e classificação, visando ao seu posterior armazenamento e disponibilização para os usuários. Diante disso, propomos um sistema de classificação facetada que reúne tanto a linguagem livre, utilizada pelos usuários dos arquivos de TV, quanto a linguagem controlada dos sistemas de recuperação da informação implantados nesses arquivos.

4.2 PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO FACETADA

Como falado anteriormente, os dados da observação foram de fundamental importância para subsidiar a nossa proposta de classificação facetada para arquivos de TV, baseada naquela estruturada por Ranganathan. Entendemos que a classificação facetada foi, e ainda tem sido, bastante estudada por diversos pesquisadores, e não só de nossa área. Nesse sentido, acreditamos que estudar a classificação facetada nos dias de hoje é importante não somente para resgatar a história da Biblioteconomia, adentrando na vida e obra de um de seus maiores teóricos, mas também para dar uma nova aplicabilidade às teorias de classificação existentes e já consolidadas, e foi com base nesse pensamento que aplicamos o sistema facetado na organização de arquivos de TV.

Inicialmente, abordaremos a análise facetada, expondo as suas etapas principais e esquematizando a estrutura de nosso sistema de classificação. Em seguida, apresentaremos as tabelas de classificação, estruturadas de acordo com as categorias fundamentais do PMEST e divididas em classes principais e tabelas auxiliares. Todos os termos que compõem o sistema foram coligidos tendo como base as visitas realizadas aos arquivos de TV.

4.2.1 Análise Facetada

Discutiremos a seguir as etapas da análise facetada de acordo com o exposto na publicação de Barbosa (1972). Segundo ela, a análise facetada se divide, basicamente, nas seguintes etapas: definição do assunto e levantamento de sua terminologia; levantamento das facetas e das subfacetas; decisão da ordem de citação das facetas e das subfacetas, bem como o seu agrupamento; ordem de arquivamento; atribuição da notação e compilação de um índice.

A primeira etapa da análise facetada consiste em definir o assunto que será classificado. É o momento de examinar a literatura do assunto, já identificando seus principais conceitos e termos. Assim, definimos como assunto geral os Arquivos de TV, tendo em vista a realidade encontrada nas visitas realizadas, o que também nos exigiu um conhecimento prévio acerca desse assunto, da rotina de trabalho das emissoras, do profissional que trata as informações contidas nesses acervos, da linguagem da TV e dos usuários aos quais os acervos são destinados.

A complexidade da classificação facetada já nos é nítida logo nessa primeira fase, pois fazer o levantamento da terminologia exige compreender o assunto que será classificado. O documento será inserido dentro de uma determinada categoria com base na terminologia levantada a partir de termos encontrados na literatura acerca do assunto, porém, em nosso caso, esse levantamento se deu como resultado das anotações feitas durante a observação participante, de nossas experiências adquiridas e de outras fontes de informação consultadas, tais como, livros e artigos de periódicos especializados, além de conversas informais com os profissionais que trabalham na área.

O levantamento das facetas e das subfacetas se deu à medida que inserimos as classes principais de nosso sistema em cada uma das categorias fundamentais do PMEST. Esse levantamento também aconteceu quando ramificamos cada um dos assuntos de nossas tabelas. Contudo, tanto as facetas quanto as subfacetas determinadas só serão compreendidas ao visualizarmos os esquemas a seguir, apresentados da Figura 3 à Figura 7, as quais mostram algumas ramificações possibilitadas pela classificação facetada quando voltada para os arquivos de TV, cuja lógica pode ser explorada com todos os termos inseridos em nosso sistema.

Como exemplos, escolhemos, de início, as classes canônicas **ESPORTIVO** e **DOCUMENTÁRIO** (Figura 3 e Figura 4). Cada uma dessas classes apresenta as suas facetas

já definidas para a divisão em subclasses (ou focos) e está inserida na categoria Personalidade, visto que os termos Esportivo e Documentário são considerados o assunto principal abordado nesse tipo de programa. Lembramos que esses termos já constam em nosso sistema.

Figura 3 – Esquema hierárquico de divisão em subclasses da classe canônica Esportivo.

Fonte: (Próprio autor, 2011).

Tendo em vista o exemplo anterior, a faceta **tipo de esporte** foi definida como sendo a característica que determina a formação das subclasses FUTEBOL e ESPORTES RADICAIS. Isso significa que essas subclasses estão inseridas dentro de uma classe maior, denominada classe canônica, que abrange os programas esportivos.

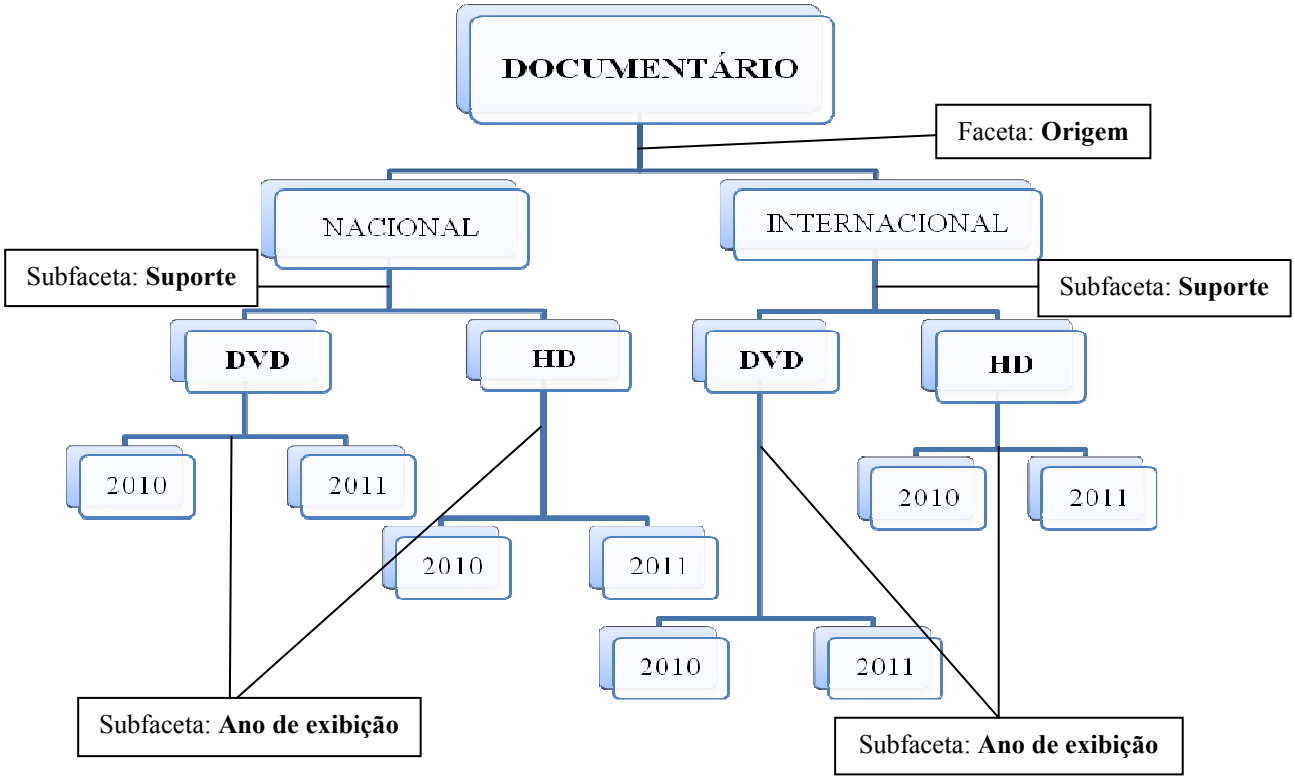
No próximo exemplo, exposto na Figura 4, temos a classe canônica **DOCUMENTÁRIO**, que se ramifica nas subclasses REGIONAL, NACIONAL E INTERNACIONAL. Nesse caso, optamos pela faceta **origem** como sendo aquela determina a divisão dos documentários de TV.

Figura 4 – Esquema hierárquico de divisão em subclasses da classe canônica Documentário.

Fonte: (Próprio autor, 2011).

Adentrando agora no levantamento das subfacetas, abordaremos ainda a classe **DOCUMENTÁRIO**. Como faceta, já sabemos que a **origem** dos programas em forma de documentários foi que determinou a formação das subclasses NACIONAL e INTERNACIONAL, porém, como subfacetas, escolhemos o tipo de **suporte** no qual o documentário será ou está arquivado e o **ano** em que ele foi veiculado, conforme o esquema da Figura 5:

Figura 5 – Esquema hierárquico de classificação facetada da classe canônica Documentário.



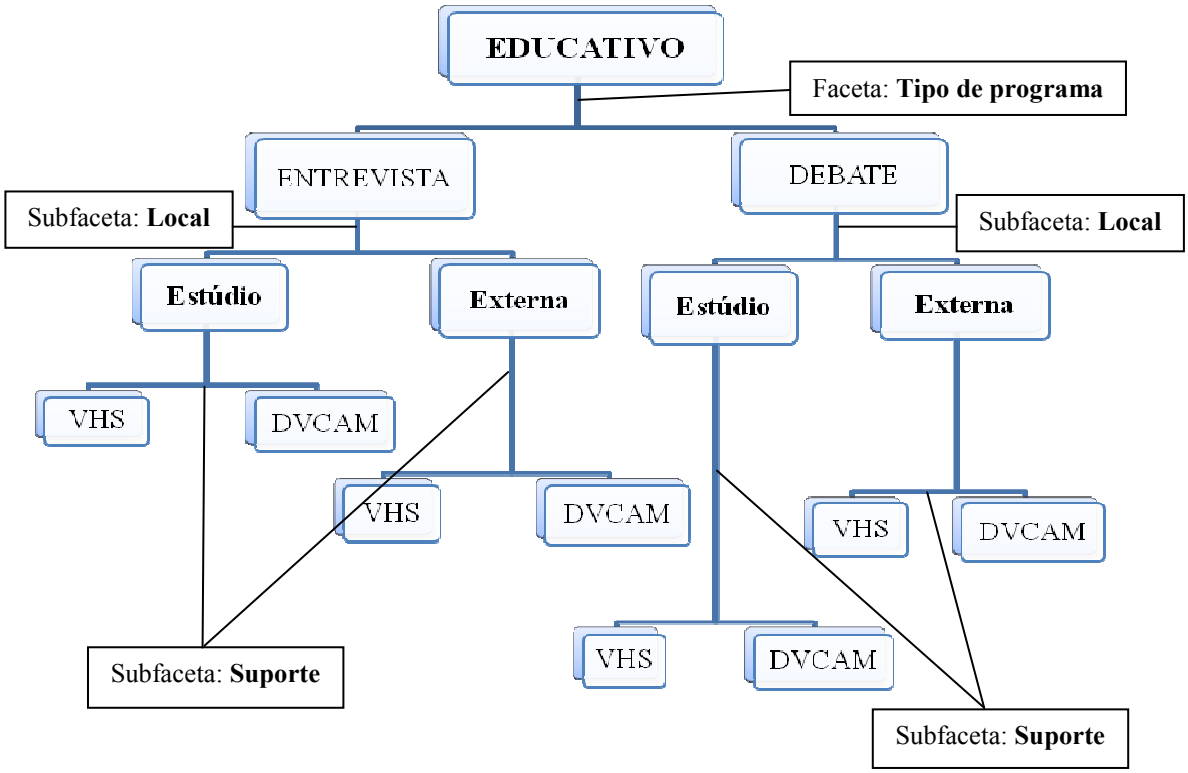
Fonte: (Próprio autor, 2011).

É de suma importância ressaltar que o levantamento dessas facetas e subfacetas resultou na construção de nossas tabelas de classificação, as quais serão apresentadas na próxima seção. Como já sabemos, a base da teoria formulada por Ranganathan consiste justamente na escolha das facetas que determinam a ramificação dos assuntos, a composição das classes e subclasses e toda a estrutura do sistema de classificação facetada.

Outro exemplo que consta no sistema que estruturamos é o da classe canônica **EDUCATIVO**. Nessa classe, dividimos os programas educativos de acordo com a faceta **tipo de programa**, ficando definido que as subclasses ENTREVISTA e DEBATE seriam os dois

tipos de programas educativos a compor o sistema. Além disso, adicionamos as seguintes subfacetas, a partir da faceta já definida: **local** de gravação do programa e o **suporte** a ser arquivado, conforme o esquema da Figura 6:

Figura 6 – Esquema hierárquico de classificação facetada da classe canônica Educativo.

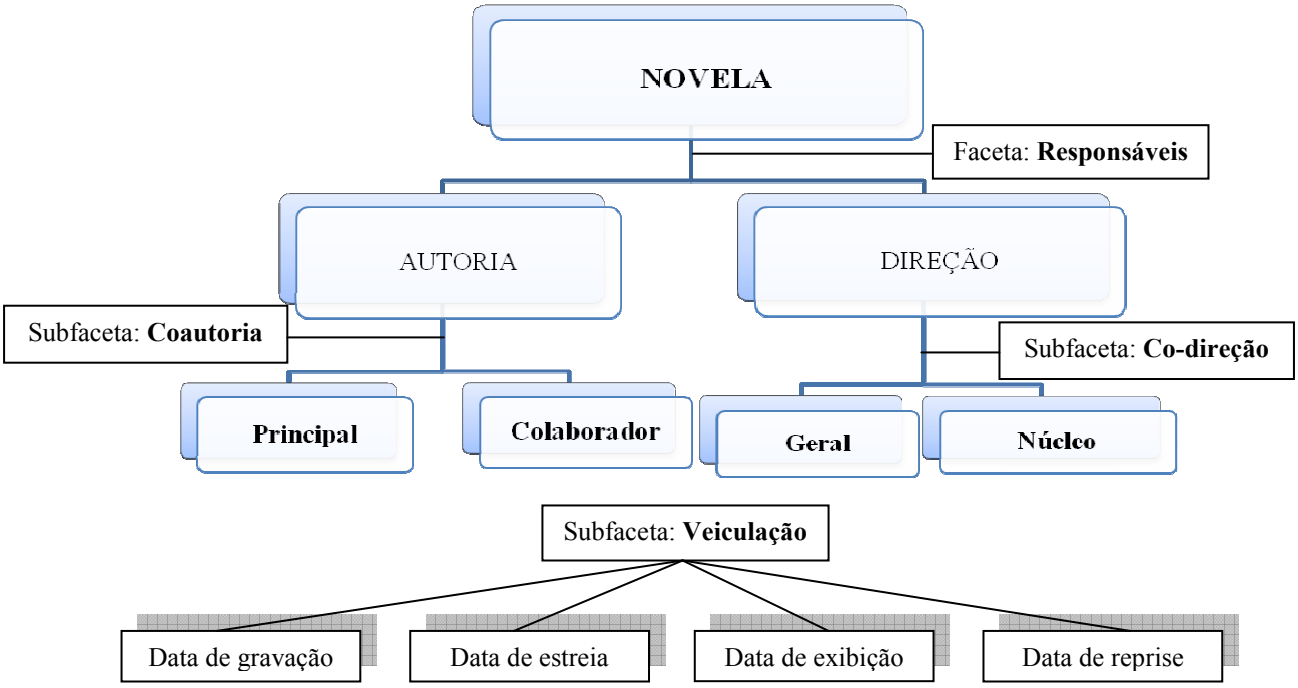


Fonte: (Próprio autor, 2011).

Por fim, encerrando essa etapa de levantamento das facetas e subfacetas, temos a classe canônica **NOVELA**. Uma das facetas que pode determinar a sua divisão é o profissional **responsável** por sua idealização e/ou produção. Definimos, então, AUTORIA e DIREÇÃO como possíveis subclasses, pois, como se verá adiante, esses dois termos se encontram em uma de nossas tabelas auxiliares.

Visando dinamizar o sistema e comprovar a flexibilidade que caracteriza a classificação facetada, incluímos também diferentes subfacetas, **Coautoria** e **Co-direção**, por exemplo, que determinam subdivisões distintas em cada subclasse. Também inserimos a subfaceta **veiculação**, que traz os Isolados de Tempo (conforme a teoria de Ranganathan), tais como, datas de gravação, estreia, exibição e reprise, de acordo com o esquema exposto na Figura 7:

Figura 7 – Esquema hierárquico de classificação facetada da classe canônica Novela.



Fonte: (Próprio autor, 2011).

As demais etapas da análise facetada, a saber, definição da ordem de citação e de arquivamento, atribuição da notação e compilação de índice, estão voltadas, basicamente, para a organização física do documento, com exceção da compilação do índice, que ainda abrange a representação de seu conteúdo.

As ordens de citação e de arquivamento referem-se, consequentemente, à ordem em que será atribuída a notação no documento físico e à ordem em que o mesmo será arquivado. Nessa aplicação, os suportes receberiam uma notação baseada na ordem de citação do PMEST, com cada um dos símbolos correspondentes já vistos anteriormente. No entanto, devido à complexidade da notação do sistema de Ranganathan, não adotaremos aqui uma notação específica para os arquivos de TV, até porque nossa intenção não é a de "amarrar" o sistema de classificação proposto a uma linguagem pré-coordenada, mas sim sugerir possibilidades para que o próprio profissional desenvolva uma linguagem notacional que atenda às necessidades do arquivo onde desenvolve as suas atividades.

Quanto à ordem de arquivamento, concordamos que esta deve sempre seguir a hierarquia do assunto geral para o específico. É a fase em que todos os documentos estão devidamente analisados e classificados, e que devem seguir a lógica das categorias, classes e

subclasses que foram definidas no sistema, bem como a sequência preestabelecida pela notação que lhes foi atribuída. Isso implica dizer que, nos arquivos de TV, devemos dar destaque às classes principais, e o arquivamento dos suportes deve segui-las de acordo com a classificação que lhes foi determinada. Observamos, em nossas visitas, que cada arquivo tem a sua própria técnica de arquivamento, mas que sempre seguem, de uma maneira ou de outra, a estrutura do PMEST.

Já a última etapa da análise facetada consiste em compilar um índice que facilite a busca do usuário. Os termos indexadores que representam o conteúdo informacional de cada documento no acervo devem ser disponibilizados ao usuário da melhor forma possível. O índice pode ser alfabético, numérico ou em cadeia, porém, independente de qual tipo seja, deve haver uma constante preocupação para que todos os termos figurem no índice, com as suas respectivas notações, e que haja sempre a possibilidade de que novos termos possam ser inseridos constantemente. Isso implica dizer que deve haver uma avaliação permanente do sistema com o fim de averiguar tanto se ele está suprindo às necessidades de busca do usuário quanto se a sua composição está de acordo com as mídias arquivadas.

Os termos inseridos no sistema que propomos serão apresentados a seguir. Eles compõem as tabelas de classificação, divididas em classes principais e tabelas auxiliares, conforme as cinco categorias fundamentais formuladas por Ranganathan. É importante ressaltar que essas tabelas foram construídas tendo em vista os principais termos utilizados na área televisiva, assim como as ramificações desses termos se deram com a aplicação da análise facetada.

4.2.2 Tabelas de Classificação

Como já apresentado anteriormente, a construção desse sistema de classificação facetada está baseada nas categorias fundamentais do PMEST: Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo. A seguir, destacamos as classes e subclasses formadas a partir da observação dos arquivos de TV visitados e da aplicação da análise facetada. Vale lembrar que a categoria fundamental Personalidade é que define a formação dessas classes e subclasses, visto que, no sistema desenvolvido por Ranganathan, é essa a categoria fundamental que abrange os assuntos gerais das obras bibliográficas e dos demais documentos. Desse modo, as tabelas de classificação que serão apresentadas refletem a realidade encontrada nas visitas aos arquivos das principais emissoras de TV locais, e os termos inseridos nessas tabelas

representam, na verdade, o conteúdo dos programas e das reportagens produzidas pelas TVs. É importante salientar que não temos a pretensão de propor uma linguagem pré-coordenada de classificação para arquivos de TV, como já mencionamos anteriormente, mas sim de analisar e sintetizar os principais termos utilizados pelos bibliotecários e usuários desses arquivos. Entendemos que essa seja a principal diferença entre essa proposta e a *Colon Classification*. Enfatizamos, ainda, que, apesar de chamarmos esta seção de Tabelas de Classificação, todos os termos encontram-se inseridos em Quadros, tendo em vista que a nomenclatura "tabela" se aplica apenas por convenção nos sistemas de classificação.

Inseridas na categoria Personalidade, e tendo em vista o assunto geral Arquivos de TV, as **CLASSES PRINCIPAIS** estão dispostas em ordem alfabética, indo de A a Z. As CLASSES CANÔNICAS encontram-se "dentro" de cada classe principal e são acompanhadas por algarismos indo-arábicos que vão de 1 a 9. Algumas dessas CLASSES CANÔNICAS estão ramificadas, devido à aplicação das facetas que determinam a formação das **subclasses** (ou **focos**). Como já foi exemplificado, as facetas são as características que determinam a ramificação das classes de assunto que compõem o sistema de classificação. Adotamos facetas que são específicas a cada classe canônica, visto que cada assunto inserido num sistema de classificação tem sua característica própria.

Eis algumas das principais facetas adotadas no sistema:

- ✓ Origem;
- ✓ Nacionalidade;
- ✓ Faixa etária;
- ✓ Periodicidade;
- ✓ Data de veiculação;
- ✓ Tipo e gênero do programa;
- ✓ Indicação de responsabilidade;
- ✓ Local de gravação do programa;
- ✓ Suporte de arquivamento.

Ressaltamos que, certamente, o leitor poderá deduzir outras facetas ao observar atentamente cada uma das tabelas de classificação que se segue. Também reforçamos que, como característica intrínseca ao sistema facetado, novos termos poderão ser inseridos em quaisquer tabelas, classes ou subclasses, basta seguir a lógica da teoria formulada por Ranganathan. Apresentaremos, a seguir, as **CLASSES PRINCIPAIS** do nosso sistema de classificação facetada aplicada aos arquivos de TV (Quadro 12 ao Quadro 15):

CLASSES PRINCIPAIS

ARQUIVO TV

Foco em [P]

Quadro 12 – Classes principais de A a E para arquivos de TV.

CLASSE A

1 AÇÃO SOCIAL
2 AMADOR
3 ANIMAIS
4 ARQUITETURA
5 ARTES
6 ATUALIDADES
7 AUDITÓRIO

CLASSE B

1 BIOGRAFIA

CLASSE C

1 CALOURO
2 CELEBRIDADE
3 CHAMADA
4 CIÊNCIAS
5 CINEMA
6 COBERTURA ESPECIAL
- **61 eventos**
- **62 plantão**
- **63 datas comemorativas**
  - 631 aniversário
  - 632 carnaval
  - 633 Natal
  - 634 réveillon
  - 635 férias

7 COMERCIAL
8 COMPORTAMENTO
9 CULTURA

CLASSE D

1 DANÇA
2 DEBATE
3 DECORAÇÃO
4 DIREITO
5 DIVERSIDADE
6 DOCUMENTÁRIO
- **61 regional**
- **62 nacional**
- **63 internacional**

CLASSE E

1 ECOLOGIA
2 ECONOMIA
3 EDUCATIVO
- **31 aulas**
- **32 entrevistas**
- **33 debates**
- **34 documentários**
- **35 eventos**

4 ELEITORAL
- **41 municipal**
  - 411 vereadores
  - 412 prefeitos
- **42 estadual**
  - 421 deputados
  - 422 governadores
- **43 federal**
  - 431 deputados
  - 432 senadores
  - 433 presidentes da República
- **44 partidos políticos**

5 ENTRETENIMENTO
6 ENTREVISTA
7 ESPORTIVO
- **71 futebol**
- **72 vôlei**
- **73 basquete**
- **74 natação**
- **75 tênis**
- **76 esportes radicais**
- **77 campeonatos**
- **78 olimpíadas**
- **79 reservada para outros esportes**

Fonte: (Próprio autor, 2011).

Quadro 13 – Classes principais de F a M para arquivos de TV.

CLASSE F

1 FEMININO
2 FESTIVAL
3 FICÇÃO CIENTÍFICA
4 FILMES
41 gênero
411 ação e aventura
412 animação
413 comédia
414 drama
415 erótico
416 ficção científica
417 romance
418 suspense
419 terror

42 faixa etária
421 livre
422 10 anos
423 12 anos
424 14 anos
425 16 anos
426 18 anos

43 curta-metragem
44 longa-metragem
45 amador

5 FLASHBACK
6 FOTOGRAFIA

CLASSE G

1 GAME SHOW
2 GASTRONOMIA
21 regional
22 nacional
23 internacional

CLASSE H

1 HISTÓRIA
2 HUMORÍSTICO

CLASSE I

1 IMAGENS DE ARQUIVO
2 IMÓVEIS
3 INFANTIL
4 INFANTO-JUVENIL
5 INFORME PUBLICITÁRIO
6 INSTITUCIONAL
7 INTERNET

CLASSE J

1 JOGOS
2 JORNALISMO BRUTO
3 JORNALÍSTICO
31 diário
32 semanal
33 mensal
34 retrospectiva
35 cobertura especial
36 plantão
37 revista eletrônica
38 investigativo

CLASSE K

VAGA

CLASSE L

1 LITERÁRIO

CLASSE M

1 MASCULINO
2 MEIO AMBIENTE
3 MINISSÉRIE
31 autoria
32 direção
33 ano de produção
34 faixa etária
341 livre
342 10 anos
343 12 anos
344 14 anos
345 16 anos
346 18 anos

Fonte: (Próprio autor, 2011).

Quadro 14 – Classes principais de M a T para arquivos de TV.

4 MOBILIDADE URBANA
5 MODA
6 MUSICAL
- **61 shows**
  - 611 nacional
  - 612 internacional
- **62 videoclipes**
  - 621 nacional
  - 622 internacional
- **63 filme**
- **64 série**
- **65 trilha sonora**
  - 651 filme
  - 652 minissérie
  - 653 novela
  - 654 série

CLASSE N

1 NEGÓCIOS
2 NOVELA
- **21 autoria**
- **22 direção**
- **23 ano de produção**
- **24 faixa etária**
  - 241 livre
  - 242 10 anos
  - 243 12 anos
  - 244 14 anos
  - 245 16 anos
  - 246 18 anos

CLASSE O

VAGA

CLASSE P

1 POLICIAL
2 POLÍTICA
3 PREMIAÇÃO
4 PRODUÇÃO INDEPENDENTE
5 PROGRAMA PILOTO

CLASSE Q

1 QUIZ

CLASSE R

1 REALITY SHOW
2 RELIGIOSO
3 RETROSPECTIVA

CLASSE S

1 SAÚDE
2 SÉRIE
- **21 gênero**
  - 211 ação e aventura
  - 212 animação
  - 213 comédia
  - 214 drama
  - 215 erótico
  - 216 ficção científica
  - 217 romance
  - 218 suspense
  - 219 terror
- **22 faixa etária**
  - 221 livre
  - 222 10 anos
  - 223 12 anos
  - 224 14 anos
  - 225 16 anos
  - 226 18 anos

3 SEXO

CLASSE T

1 TEATRO
2 TECNOLOGIA
3 TELEMARKETING
4 TURISMO
- **41 regional**
- **42 nacional**
- **43 internacional**
- **44 religioso**
- **45 de aventura**
- **46 de negócios**
- **47 ecoturismo**
- **48 eventos**
- **49 pontos turísticos**

Fonte: (Próprio autor, 2011).

Quadro 15 – Classes principais de U a Z para arquivos de TV.

CLASSE U	**CLASSE W**
1 UNIVERSIDADE **11 pública** **12 privada**	VAGA
	CLASSE X
2 UTILIDADE PÚBLICA	VAGA
CLASSE V	**CLASSE Y**
1 VARIEDADES 2 VINHETAS	VAGA
	CLASSE Z
	VAGA

Fonte: (Próprio autor, 2011).

Veremos agora as tabelas auxiliares construídas com base nas demais categorias fundamentais do PMEST. Seguindo a ordem dessas categorias, temos a categoria Matéria, com Foco em [M], a categoria Energia, com Foco em [E], a categoria Espaço, com Foco em [S], e a categoria Tempo, com Foco em [T]. Os termos que compõem as tabelas auxiliares encontram-se inseridos em cada uma dessas categorias, como se verá adiante.

De início, construímos a **TABELA DE MÍDIAS**, composta pelos principais suportes nos quais é armazenado e arquivado todo o conteúdo da programação veiculada pelas emissoras de TV. Essas mídias foram incorporadas ao sistema de acordo com as observações feitas nos ambientes dos arquivos de TV visitados, exigindo-nos, também, pesquisa bibliográfica (CALDEIRA, 1996; SALLES, [200-]) acerca da terminologia, da finalidade de uso e das diferenças entre cada tipo de mídia. Além disso, conversar informalmente com os profissionais que trabalham nas TVs nos rendeu bastante êxito na elaboração desta tabela auxiliar.

Enfatizamos que as mídias estão dispostas com base em sua cronologia de uso (CALDEIRA, 1996; SALLES, [200-]), indo da mais antiga para a mais recente, conforme exposto no Quadro 16:

TABELA DE MÍDIAS

ARQUIVO TV

Foco em [M]

Quadro 16 – Tabela auxiliar de mídias.

FITA ROLO	
PELÍCULA	
	DVCPRO
	DVCPRO50
VHS	DVCPROHD
HI-8	
U-MATIC	
BETACAM	CD
M II	DVD
	BLU-RAY
DV	
MINIDV	HD
DVCAM	DISPOSITIVO REMOVÍVEL
MINIDVCAM	

Fonte: (Próprio autor, 2011; SALLES, [200-]; CALDEIRA, 1996).

Continuando a compor as tabelas auxiliares, temos a categoria Energia, com Foco em [E], que pode ser compreendida como sendo a ação exercida, por um ou mais sujeitos, na produção de determinado documento. Nesse sentido, construímos a **TABELA DE COLABORADORES**, na qual constam os principais profissionais e/ou entidades envolvidas na realização de um programa ou de uma reportagem de TV. Lembramos que, nesta tabela, os termos representam a indicação de responsabilidade das imagens produzidas pelas TVs, contendo, também, algumas ramificações que complementam, especificam e refletem as atividades desempenhadas por cada um desses profissionais, de acordo com o que nos demonstra o Quadro 17:

TABELA DE COLABORADORES

ARQUIVO TV

Foco em [E]

Quadro 17 – Tabela auxiliar de colaboradores.

APRESENTADOR	AUTOR
NARRADOR	IDEALIZADOR
PRODUTOR	ROTEIRISTA
REPÓRTER	DIRETOR **geral** **técnico** **de operações** **de conteúdo** **de programação** **de núcleo** **de imagens** **de áudio**
CINEGRAFISTA **profissional** **amador**	
EDITOR **de texto** **de imagem**	
ENTREVISTADO	PROTAGONISTA
PATROCINADOR	ELENCO **principal** **de apoio** **figurantes** **participações especiais**

Fonte: (Próprio autor, 2011).

Seguindo as categorias do PMEST, temos a categoria Espaço, representada por [S]. Estão inseridos nessa categoria os termos que definimos para compor a **TABELA DE LOCAL**. Esses termos representam os principais locais onde são gravados os programas, as reportagens e as demais produções veiculadas por uma emissora de TV, refletindo a rotina diária de gravações de cada uma das emissoras para o posterior arquivamento das mídias, conforme exposto no Quadro 18:

TABELA DE LOCAL

ARQUIVO TV

Foco em [S]

Quadro 18 – Tabela auxiliar de local.

ESTÚDIO	PRODUTORA
AUDITÓRIO	AGÊNCIA
EXTERNA	TEATRO
REDAÇÃO	CENÁRIO
ILHA DE EDIÇÃO	CIDADE CENOGRÁFICA

Fonte: (Próprio autor, 2011).

Vale ressaltar aqui que esses termos foram denominados por Ranganathan de Isolados, e, como vimos, eles se tornam sem sentido se forem utilizados fora de contexto. Isso significa dizer que todos os termos pertencentes a essas tabelas auxiliares só terão sentido se forem utilizados em conjunto com os termos das **CLASSES PRINCIPAIS**. Em suma, o termo ESTÚDIO só consta nesta tabela porque determinado programa, de VARIEDADES, por exemplo, foi gravado nesse local. É importante salientar também que essas "associações" podem e devem ser feitas no sistema, pois essa flexibilidade é uma das características principais da classificação facetada. Esse pensamento é válido também para todas as tabelas auxiliares aqui apresentadas.

Por fim, inserimos na **TABELA DE TEMPO** (Quadro 19), com Foco em [T], os termos relacionados a datas e numerações que situam as produções televisivas no tempo, levando em consideração não apenas a veiculação dos programas e/ou das reportagens, mas também a entrada da mídia no arquivo.

TABELA DE TEMPO

ARQUIVO TV

Foco em [T]

Quadro 19 – Tabela auxiliar de tempo.

DATA	ANO
de gravação	**de produção**
de estreia	**de estreia**
de exibição	**de encerramento**
de encerramento	**de reprise**
de reprise	
de entrada	
no acervo	NÚMERO
no sistema	**de programas**
	de reportagens
de empréstimo	**de capítulos**
de devolução	**de episódios**
	de temporadas

Fonte: (Próprio autor, 2011).

Ressaltamos, mais uma vez, que todas estas tabelas de classificação foram construídas com base no sistema de Ranganathan, bem como em pesquisas bibliográfica e documental, nas experiências acumuladas no ambiente de estágio, nas convivências e conversas informais com os profissionais da área de TV e em visitas e observação participante da rotina de trabalho dos arquivos de TV onde fomos recebidos.

Além disso, destacamos que o nosso interesse em aliar a teoria de Ranganathan à organização dos arquivos de TV não advém somente de um interesse pessoal pela temática, visto que desenvolvemos esta pesquisa com um olhar crítico e profissional de quem está prestes a ingressar na carreira de bibliotecário, sendo um profissional da informação que acumula experiências e se especializa numa área em que almeja atuar, seguindo, assim, os passos de Ranganathan, sem dúvida, um dos maiores teóricos da Biblioteconomia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que os sistemas de classificação foram elaborados visando à representação temática (indexação) dos documentos, por meio de uma linguagem padrão, com o objetivo de organizar os mais variados tipos de acervos documentais, facilitando, dessa forma, o acesso dos usuários à informação. Consistem, basicamente, em subdividir as áreas do conhecimento, representando-as através de numerações preestabelecidas, notações, as quais vieram ao encontro de muitas das necessidades de organização documental na época em que esses sistemas foram desenvolvidos, no entanto, precisaram ser modificados e atualizados de acordo com as novas necessidades que surgiam.

Foi com esse olhar que problematizamos nossa pesquisa, questionando quais as características do sistema de classificação facetada de Ranganathan, qual a contribuição e aplicabilidade da teoria de Ranganathan aos dias de hoje e de que maneira relacionar e adaptar o sistema facetado de Ranganathan à organização de arquivos de TV. Visando encontrar respostas para esses questionamentos foi que propusemos, como objetivo maior desta pesquisa, estudar os princípios da classificação facetada de Ranganathan com vistas à aplicabilidade voltada para a organização de arquivos de TV. Para tanto, analisamos as características e etapas do sistema de classificação facetada de Ranganathan, inclusive estudando a sua biografia a fim de que pudéssemos compreender o seu sistema, e elaboramos uma classificação facetada para arquivos de TV com base na proposta de Ranganathan.

Nesse sentido, inferimos que trabalhar com o sistema facetado de Ranganathan somente é possível se eficazmente contarmos com o apoio de uma equipe multidisciplinar que compartilhe seus conhecimentos e os inclua num sistema padrão de classificação. No caso da classificação facetada, ela está inserida numa estrutura analítico-sintética, ou seja, a base de sua sustentação é o processo de análise e de síntese conceituais nas mais variadas áreas do conhecimento. A classificação facetada também possui as funções de planejar, organizar e gerenciar variados tipos de acervos informacionais, sendo composta por elementos que executam essas funções, tais como, ordem de citação, de arquivamento, notação etc.

Vivemos numa época em que é preciso analisar e avaliar os sistemas de classificação não mais como classificações bibliográficas, mas sim como classificações documentais. Foi o que Ranganathan fez quando aperfeiçoou o seu sistema visando ao tratamento dos novos formatos e suportes documentais que surgiram na Índia. O que não podemos permitir é que a documentação fique em desordem e que a informação se perca, impedindo o acesso de seus

usuários. Comprovamos, assim, que Ranganathan não se dedicou apenas a desenvolver um esquema de classificação voltado somente para a Biblioteconomia, mas ele também adaptou a sua teoria para a Documentação, o que refletiu em suas publicações.

Ao desenvolver uma pesquisa sobre Ranganathan e sua proposta de classificação, notamos que, no campo da própria Biblioteconomia, há pouca explanação em língua portuguesa, o que nos exigiu a tradução de alguns de seus trabalhos, encontrados na Internet. Por outro lado, quando fizemos o levantamento bibliográfico, observamos que a área da Informática passou a utilizá-la no momento de construir a categorização dos *sites* e bancos de dados, por exemplo. A partir de acervos físicos já organizados, há também a construção de Sistemas de Recuperação da Informação (SRI), nos quais é preciso que sejam pensados quais os elementos (categorias, classes e subclasses) que irão compor esses sistemas, e a teoria de Ranganathan certamente tem sido uma forte aliada nesse processo.

Percebemos que se faz necessário aplicar as técnicas de classificação aos diferentes formatos, suportes e conteúdos documentais. Paralelamente, é preciso que se desenvolva um SRI que seja coerente e interrelacionado à ordenação dos suportes físicos, pois o desenvolvimento de um sistema de busca só tende a ser uma ferramenta que agiliza e dinamiza o acesso ao conteúdo informacional. Vimos, então, a possibilidade de aplicar o sistema facetado formulado por Ranganathan à organização de arquivos de TV, tendo em vista a rotina de trabalho dessas unidades de informação e a existência de bases de dados voltadas para a indexação das informações contidas nos documentos que são arquivados.

Vimos também que a classificação facetada de Ranganathan, como uma linguagem documentária, supre positivamente à necessidade da representação do conteúdo informacional, pois abarca todas as características do documento, tais como, assunto, forma, suporte, origem, dentre outras **facetas**. Essas características vêm ao encontro das cinco categorias fundamentais formuladas por Ranganathan: PMEST. Nossa proposta de classificação para arquivos de TV, por exemplo, foi elaborada com base nessas cinco categorias, a partir das quais aplicamos a teoria de Ranganathan e demonstramos que ainda é viável se adequar esse sistema de classificação aos dias de hoje. Inserimos, na verdade, o sistema de classificação de Ranganathan no contexto atual de formação, desenvolvimento, organização e gestão de acervos não-convencionais, em nosso caso, o de arquivos de TV.

Analisar determinado documento sob todas as suas características se faz mais do que necessário para uma eficaz representação de seu conteúdo. Nesse sentido, as linguagens documentárias existentes nos permitem traduzir os termos do documento da linguagem

natural para uma linguagem documentária padronizada, voltada para a recuperação da informação. É bem verdade que, dificilmente, um sistema de classificação irá abranger todos os termos relativos à determinada temática ou área do conhecimento, dada a dinâmica não só da produção documental, mas também da própria língua. Contudo, a classificação facetada nos permite que a inserção de novos termos seja constantemente possível, pois já é sua característica própria. Para isso, executamos as principais etapas da análise facetada, o que resultou na elaboração de nossos esquemas facetados e de nossas tabelas de classificação.

Constatamos, portanto, que a classificação facetada ainda está apta para ser aplicada em várias esferas da organização informacional e documental. Como exemplos, podemos citar a definição dos metadados que compõem os *softwares* de automação de bibliotecas, arquivos e demais unidades de informação. Outro exemplo de aplicação se dá na organização de acervos pessoais, especializados, de partituras, de jornais, musicais, cinematográficos, teatros, dentre outros, mas também na construção das categorias de grandes e pequenos *sites* ou de bases de dados que gerenciem acervos documentais de médio e grande porte, tais como, os de órgãos públicos e privados, escritórios jurídicos, gabinetes, supermercados, videolocadoras, emissoras de rádio ou, como aplicamos aqui, arquivos de TV.

Diante disso, concluímos que nossos objetivos foram alcançados, uma vez que foi possível aplicar o sistema de classificação facetada de Ranganathan ao ambiente dos arquivos de TV. Vimos que se trata de um sistema que se caracteriza como sendo uma linguagem documentária flexível, precisa, detalhista e a mais adequada para a classificação de coleções com muitos documentos e com crescimento permanente em elevado grau de rapidez, além de ser "fragmentável", multidimensional e multidisciplinar. São muitas as possibilidades e ambientes onde essa classificação pode ser aplicada, basta que os profissionais da informação conheçam a fundo, (re)pensem e (re)criem a maneira de trabalhar com esses sistemas de classificação já existentes e consolidados, assim como fizemos no decorrer desta pesquisa.

Antes de fecharmos essa conclusão, gostaríamos de ressaltar que a dificuldade encontrada no desenvolvimento deste estudo se deu, principalmente, devido à escassez de publicações nacionais sobre tal sistema, sendo preciso que lêssemos a literatura em língua inglesa, o que demandou muito mais tempo e dedicação. No entanto, consideramos que fomos vitoriosos, pois nosso conhecimento da língua inglesa foi de fundamental importância para a realização desta monografia. Queremos frisar também que a nossa satisfação foi muito grande, afinal esse estudo nos proporcionou maior conhecimento sobre a *Colon Classification* e, naturalmente, sobre a vida e obra de Ranganathan, que tivemos o prazer de conhecê-lo nos

primeiros semestres da graduação e mais um pouco na disciplina de Representação Temática da Informação (Indexação), tendo a curiosidade nos levado a aprofundar nossos estudos sobre tal temática.

Os resultados desta pesquisa também nos motivam a produzir artigos que possam servir de referência a estudos futuros. Além disso, nossa pesquisa poderá despertar o interesse de estudantes de graduação em ingressar na área de arquivos das organizações de comunicação em geral, como, por exemplo, TV, rádio, jornais, agências de publicidade, dentre outros do gênero. Constatamos, no decorrer da produção desta pesquisa, que o mercado exige cada vez mais uma qualificação especializada por parte de quem deseja atuar nessa área, por isso consideramos como ponto primordial de partida a realização de trabalhos e pesquisas voltadas para esses ambientes informacionais.

Acreditamos, portanto, que nosso trabalho trará contribuições positivas para o desenvolvimento de pesquisas nas áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, tendo em vista que nos esforçamos não somente a trazer algo “novo”, ou de pouca publicação em nossa área, mas também de desenvolver uma pesquisa que aliasse a teoria vista em sala de aula com a prática bibliotecária com a qual nos deparamos no ambiente de estágio e ao observar atentamente o mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

ARANALDE, Michel Maya. Reflexões sobre os sistemas categoriais de Aristóteles, Kant e Ranganathan. **Ciência da Informação**, Brasília (DF), v. 38, n. 1, p. 86-108, jan./abr. 2009. Disponível em: <revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/download/1056/1313>. Acesso em: 06 abr. 2010.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos teóricos da classificação**. Encontros Bibli:** Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 22, p. 117-139, jul./dez. 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/296/368>. Acesso em: 07 set. 2009.

BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: IBBD, 1969.

_____. Classificações facetadas. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-81, 1972. Disponível em: <revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/download/1665/1271>. Acesso em: 06 abr. 2010.

BARBOSA, Sidney; MEY, Eliane Serrão Alves; SILVEIRA, Naira Christofoletti. **Vocabulário controlado para indexação de obras ficcionais**. Brasília: Briquet de Lemos, 2005.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

CALDEIRA, Carlos Reinas. Formatos e suportes de vídeo. **Revista Educação e Tecnologia**, Salvador, n. 17, p. 125-143, fev. 1996. Disponível em: <http://bdigital.ipg.pt/dspace/bitstream/10314/864/1/revista%20N%c2%ba17%20-%20Caldeira%20%281996%29.pdf>. Acesso em: 12 out. 2011.

CAMPELLO, Bernadete; CALDEIRA, Paulo da Terra (org.). **Introdução às fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CAMPOS, Maria Luiza de Almeida; GOMES, Hagar Espanha. Organização de domínios de conhecimento e os princípios ranganathianos**. Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 150-163, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/viewFile/366/175>. Acesso em: 10 set. 2009.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COSTA, Fernanda; RAMOS, Luciene. Análise facetada: em busca de uma classificação para o teatro. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 30-42, dez. 2008. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/viewFile/3215/2338>. Acesso em: 15 jan. 2011.

CUNHA, Murilo Bastos da. Metodologia para estudo de usuários de informação científica e tecnológica. **Revista de Biblioteconomia**, Brasília, v. 10, n. 2, p. 5-19, jul./dez. 1982. Disponível em: <http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/CUNHA_1982.pdf>. Acesso em: 27 set. 2011.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1995.

DOSSE, François. **História do estruturalismo**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas (SP): Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

DUARTE, Elizabeth Andrade; CERQUEIRA, Roberto Figueiredo Paletta. Análise facetada: um olhar face a modelagem conceitual**. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 39-52, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/viewarticle.php?id=70>. Acesso em: 20 set. 2009.

ESCOBAR, Carlos Henrique**. O método estruturalista**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

FOX, Robert. Cataloging our information architecture. **International Digital Library Perspectives**, v. 21, n. 1, p. 23-29, 2005. Disponível em: <http://www.deepdyve.com/lp/emerald-publishing/cataloging-our-information-architecture-IyQRSPwac0>. Acesso em: 20 maio 2010.

FRIEND, Frederick. **The future of libraries in the work of S.R. Ranganathan**. Disponível em: <https://drtc.isibang.ac.in/bitstream/handle/1849/310/064_p3_frederick-friend-on-ranganatha_formatted.pdf;jsessionid=9960FDCAB6972D361E23077619C01B78?sequence=1>. Acesso em: 20 maio 2010.

GNOLI, Claudio. Categories and facets in integrative levels. **Axiomathes**, v. 18, p. 177-192, 09 jan. 2008. Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl3?sid=metalib:METAPRESS_XML&id=doi:&genre=Journal%20Article&isbn=&issn=&date=2008&volume=18&issue=2&spage=&epage=&aulast=Gnoli&aufirst=Claudio&auinit=&title=Axiomathes&atitle=Categories%20and%20Facets%20in%20Integrative%20Levels&sici=&__service_type=&pid=%3Cmetalib_doc_number%3E118638127%3C/metalib_doc_number%3E%3Cmetalib_base_url%3Ehttp://buscador.periodicos.capes.gov.br:80%3C/metalib_base_url%3E%3Copid%3E%3C/opid%3E>. Acesso em: 17 maio 2010.

_____. Facets: a fruitful notion in many domains. **Axiomathes**, v. 18, p. 127-130, 24 jan. 2008. Disponível em: <http://link.periodicos.capes.gov.br/sfxlcl3?sid=metalib:METAPRESS_XML&id=doi:&genre=Journal%20Article&isbn=&issn=&date=2008&volume=18&issue=2&spage=&epage=&aulast=Gnoli&aufirst=Claudio&auinit=&title=Axiomathes&atitle=Facets%3A%20A%20Fruitful%20Notion%20in%20Many%20Domains&sici=&__service_type=&pid=%3Cmetalib_doc_number%3E118638128%3C/metalib_doc_number%3E%3Cmetalib_base_url%3Ehttp://buscador.periodicos.capes.gov.br:80%3C/metalib_base_url%3E%3Copid%3E%3C/opid%3E>. Acesso em: 06 maio 2010.

ISKO ITALIA. **Colon Classification**. Disponível em: <http://www.iskoi.org/doc/colon.htm>. Acesso em: 20 maio 2010.

KENT, Allen *et. al*. S.R. Ranganathan: a short biography. In: ____. **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: Marcel Dekker Inc., 1978. v. 25. Disponível em: <http://www.isibang.ac.in/library/portal/Pages/SRRBIO.pdf>. Acesso em: 20 maio 2010.

LIMA, Gercina Ângela Borém. O modelo simplificado para análise facetada de Spiteri a partir de Ranganathan e do Classification Research Group (CRG). **Información, Cultura y Sociedad**, Buenos Aires, n. 11, p. 57-72, jul./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/pdf/ics/n11/n11a03.pdf>. Acesso em: 26 set. 2009.

MCMENEMY, David. Ranganathan's relevance in the 21st century. **Library Review**, v. 56, n. 2, p. 97-101, 2007. Disponível em: <http://www.icioffshore.com/news/fulltext/292.pdf>. Acesso em: 20 maio 2010.

NEELAMEGHAN, A. **Absolute syntax and structure of an indexing and switching language**. In: S.R. RANGANATHAN PORTAL. Disponível em: <http://www.isibang.ac.in/library/portal/Pages/chp2.pdf>. Acesso em: 20 maio 2010.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo:** teoria e prática. 3. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PIEDADE, Maria Antonieta Requião. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

PRAZERES, Cássio *et. al*. Uma proposta de navegação na WEB utilizando facetas. In: ESCOLA REGIONAL DE BANCO DE DADOS, 2006, Passo Fundo. **Anais eletrônicos...** Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2006. Disponível em: <http://www.upf.br/erbd/download/15641.pdf>. Acesso em: 29 set. 2009.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Tradução de Tarcísio Zandonade. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

_____. **Choice of scheme for classification**. In: S.R. RANGANATHAN PORTAL. Disponível em: <http://www.isibang.ac.in/library/portal/Pages/chp5.pdf>. Acesso em: 20 maio 2010.

_____. **Documentation and its facets**. London: Asia Publishing House, 1963.

_____. **Fifty years of experience in the development of Colon Classification**. In: S.R. RANGANATHAN PORTAL. Disponível em: <http://www.isibang.ac.in/library/portal/Pages/chp1.pdf>. Acesso em: 20 maio 2010.

_____. **Hidden roots of classification**. In: S.R. RANGANATHAN PORTAL. Disponível em: <http://www.isibang.ac.in/library/portal/Pages/chp3.pdf>. Acesso em: 20 maio 2010.

_____. **Library classification through a century**. In: S.R. RANGANATHAN PORTAL. Disponível em: <http://www.isibang.ac.in/library/portal/Pages/chp6.pdf>. Acesso em: 20 maio 2010.

_____. **Reference service.** London: Asia Publishing House, 1961.

_____. **Subject heading and facet analysis**. In: S.R. RANGANATHAN PORTAL. Disponível em: <http://www.isibang.ac.in/library/portal/Pages/chp4.pdf>. Acesso em: 20 maio 2010.

SALLES, Filipe. **A imagem eletrônica**: o vídeo. Disponível em: <http://labculturaviva.org/pontobrasil/materialdidatico/imagemeletronica.pdf>. Acesso em: 12 out. 2011.

SCHELLENBERG, Theodore R. **Arquivos modernos**: princípios e técnicas. 6. ed. Tradução de Nilza Teixeira Soares. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SEPÚLVEDA, Fernando Antonio Miranda. **Ranganathan:** o visionário da BCI. Disponível em: <http://sites.google.com/site/ranganathanovisionariodabci/livros--publicaes-1>. Acesso em: 17 abr. 2011.

SILVA, Márcio Bezerra da. **A teoria da classificação facetada na modelagem de dados em banco de dados computacionais**. 2011. 170f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SLAVIC, Aida. Faceted Classification: management and use. **Axiomathes**, v. 18, p. 257-271, 16 jan. 2008. Disponível em: <http://www.springerlink.com/content/t84201r12n3w2438/fulltext.pdf>. Acesso em: 20 maio 2010.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. O primeiro estruturalismo: método de pesquisa para as Ciências da Gestão. **Revista de Administração Contemporânea**, [S.l.], v. 10, n. 2, p. 137-156, abr./jun. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v10n2/a08.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2010.

TRISTÃO, Ana Maria Delazari; FACHIN, Gleisy Regina Bóries; ALARCON, Orestes Estevam. Sistema de classificação facetada e tesauros: instrumentos para organização do conhecimento. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 161-171, maio/ago. 2004. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewFile/88/82>. Acesso em: 19 set. 2009.

VICENTINI, Abner Lellis Corrêa. Ranganathan: filósofo da classificação cientista da Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 113-114, 1972. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1670/1276>. Acesso em: 19 set. 2009.